



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

SUELENE SANTANA ASSUNÇÃO

O LIVREIRO RAIMUNDO JINKINGS: a venda de livros e a divulgação do
Comunismo no período da Ditadura Militar em Belém - PA

Belém
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

SUELENE SANTANA ASSUNÇÃO

O LIVREIRO RAIMUNDO JINKINGS: a venda de livros e a divulgação do
Comunismo no período da Ditadura Militar em Belém - PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do grau de Bacharel
em Biblioteconomia, outorgado pela Universidade
Federal do Pará.
Orientado pela Prof^a. Dr^a. Maria Izabel Moreira
Arruda

Belém
2015

Assunção, Suelene Santana.

O Livreiro Raimundo Jinkings: a venda de livros e a divulgação do Comunismo no período da Ditadura Militar em Belém - PA / Suelene Santana Assunção; Orientadora, Maria Izabel Moreira Arruda — 2015.

72f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Faculdade de Biblioteconomia, Belém, 2015.

1. Livreiros e Livrarias – Belém (PA) – História. 2. Jinkings, Raimundo. 3. Comunistas – Belém (PA) - Biografia. 4. Ditadura – Belém (PA). I. Arruda, Maria Izabel Moreira, *orient.* II. Título.

CDD: 23. ed. 070.5098115



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

SUELENE SANTANA ASSUNÇÃO

O LIVREIRO RAIMUNDO JINKINGS: a venda de livros e a divulgação do
Comunismo no período da Ditadura Militar em Belém - PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para obtenção do grau de Bacharel em
Biblioteconomia, outorgado pela Faculdade de
Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará.

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Drª. Maria Izabel Moreira Arruda
Orientadora

Profª. Msc. Maria Raimunda de Sousa Sampaio

Prof. Esp. Diego Bill Silva Barros

Julgado em: 25 /08 /2015.

Conceito: Excelente

Dedico este trabalho feito com amor, esforço e alegria:

À Deus, pelo seu amor incondicional.

Aos meus pais Leonora Santana e Valdivino Assunção, que em sua simplicidade e amor me ensinou o valor da educação.

Aos meus irmãos Suelane e Sidney.

À meu amado sobrinho Mikael David.

Bibliotecária Elisangela Costa e à Dr^a. Maria Izabel Moreira Arruda.

Aos meus familiares e amigos que sempre estiveram presente na minha jornada.

À família Jinkings pela gentileza e presteza em contribuir para este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus que segurou firme em minhas mãos nesta jornada, ensinou-me a transformar as dificuldades em oportunidades e quando cansada Ele carregou-me no colo. Obrigada Pai Eterno por trabalhar de forma extraordinária em minha vida, agradeço pela tua fidelidade mesmo quando eu não era merecedora.

Leonora Santana, meu exemplo de mulher virtuosa, minha amada mãezinha, que me alfabetizou, instrui-me no caminho a seguir com muito amor e dedicação. Se hoje estou de pé é porque ela estava de joelhos intercedendo por mim. Obrigada por abdicar dos seus sonhos para sonhar o meu sonho.

Ao meu pai Valdivino Assunção por ter investido na minha vida escolar.

A minha irmã Suelane, companheira de estudo e exemplo de determinação. Meu amado sobrinho Mikael David, exemplo de alegria e agir de Deus na vida de uma pessoa.

A minha família: tios, tias, primos e primas pelos momentos de descontração que passamos juntos.

Aos membros e congregados da Assembleia de Deus de Floresta Park pelas orações e apoio desde a comemoração do listão dos aprovados até a conclusão do curso.

As minhas amigas Maria José Paracampo, Ormindia Vasconcelos e Sheila Costa pelas palavras de incentivo e apoio quando estava esmorecendo em minha vida acadêmica. Muito obrigada por dividir comigo suas experiências, aprendi muito com a vivência de vocês.

Ao corpo docente da Faculdade de Biblioteconomia pelo reconhecimento repassado.

A Bibliotecária Elisangela Costa pela orientação na fase inicial desta pesquisa e empréstimo de seus livros para a elaboração deste trabalho.

A minha orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Izabel Moreira Arruda por acreditar na minha ideia e abraçar com carinho minha proposta de pesquisa, pela dedicação e excelente direcionamento que recebi na produção deste trabalho.

A família Jinkings, especialmente a Isa que dividiu comigo um pouco da sua paixão por livros e do seu amor por Raimundo Jinkings. Álvaro e Leila pela disponibilidade em confirmar informações imprescindíveis para esta pesquisa.

A minha Biblioturma pela experiência e aprendizagem. Principalmente as Bibliogatas: Carla Marques, Carol Oeiras, Cláudia Lima, Eliane Sousa, Ivanilde Nonato, Josiane Maciel, Nazaré Nascimento, Núbia Costa, Paula Sodré, Samantha Silva, Silvia Malcher, Sara Santos, Vanessa Lopes, Vanderlene Viégas e Waldinea Oliveira. Compartilhamos momentos inesquecíveis, brincadeiras únicas, piadas sem graça, brigas bobas e risadas sem motivos.

Aos bibliotecários que tive a oportunidade de trabalhar, Anderson Saldanha, Luiz Otávio Maciel, Elisangela Costa, Odaisa Oliveira, Ruth Selma, Suzana Tota, Isaías Daniel, Alexandre Pinheiro, Pedro Neto e Rosa Nascimento.

Aos funcionários da Fundação Cultural do Pará Raimundo Gomes, Valdinei Romano, José Monteiro e Dailton Conceição.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente, para a construção e realização deste trabalho, seja pelo apoio intelectual e pelas orações a mim dirigidas. Deus continue vos abençoando grandemente.

“Precisamos melhorar o nível de vida do brasileiro, dando condições às pessoas que têm pouca oportunidade de vivenciar a mágica fantástica que é ler e descobrir o mundo através da leitura.”

Raimundo Jinkings

RESUMO

Estudo sobre a trajetória do livreiro Raimundo Jinkings e da Livraria Jinkings durante a Ditadura Militar em Belém. Em virtude desse momento histórico no Brasil, surgiu o questionamento a respeito da venda de livros considerados subversivos e dos serviços oferecidos pela Livraria Jinkings. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, incluindo a história do livro, a disseminação da informação, o comércio de livros, a Ditadura Militar e a Ideologia Marxista. Foi realizada entrevista com Isa Jinkings, a esposa do livreiro, e com seus filhos: Álvaro e Leila Jinkings. A partir da revisão bibliográfica e das entrevistas, constatou-se a importância do livreiro Jinkings no cenário político da história do Pará, bem como a contribuição literária da Livraria Jinkings, que serviu de subsídios na formação intelectual de paraenses como Benedito Nunes, Ruy Barata, Haroldo Maranhão, dentre outros. Diante disso, faz-se necessário ressaltar o legado cultural deixado por Raimundo Jinkings através de seu estabelecimento comercial, a Livraria Jinkings.

Palavras-chave: Raimundo Jinkings. Livraria Jinkings. Livrarias de Belém. Ditadura Militar.

ABSTRACT

Study on the trajectory of the bookseller Raimundo Jinkings and Bookstore Jinkings during the Military Dictatorship in Belém. In virtue of this historic moment in Brazil, came the question in gabout the sale of books considered subversive and the services offered by Jinkings Bookstore. We performed a literature search on the topic, including the history of the book, the dissemination of information, the trade in books, the Military Dictatorship and the Marxist Ideology. Interview was conducted with Isa Jinkings, the wife of the bookseller, and his sons, Álvaro and Leila Jinkings. From the literature review and interviews, found the importance of Jinkings bookseller on the political scenein the history of Pará, as well as the literary contribution of Jinkings Bookstore, which served as subsidies in the intellectual formation of Pará as Benedito Nunes, Ruy Barata, Haroldo Maranhão, among others. Before that, it is necessary tohigh light the cultural legacy left by Raimundo Jinkings through their shop, the bookstore Jinkings.

Keywords: Raimundo Jinkings. Bookstore Jinkings. Belém bookstore. Military Dictatorship.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS	13
2.1	Objetivo Geral	13
2.2	Objetivos Específicos	13
3	METODOLOGIA	14
3.1	Tipo de Pesquisa	14
3.2	Procedimentos	14
4	A EVOLUÇÃO DA ESCRITA	16
5	O DESENVOLVIMENTO DO LIVRO	18
5.1	Livro Manuscrito	18
5.2	A Invenção de Gutenberg	20
5.3	Livro Eletrônico	22
6	DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO	25
7	O COMÉRCIO DO LIVRO EM BELÉM: As Livrarias	27
8	DITADURA MILITAR NO ESTADO DO PARÁ: 1964 – 1985	33
9	RAIMUNDO JINKINGS	37
9.1	Ideologia Marxista	42
9.2	Livraria Jinkings	45
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICE A – ENTREVISTA COM ISA JINKINGS.....	59
	APÊNDICE B – ENTREVISTA COM ÁLVARO E LEILA JINKINGS.....	65

1 INTRODUÇÃO

As rochas, onde encontramos as pinturas rupestres gravadas, representam um dos primeiros suportes informacionais de que temos conhecimento. Ao longo dos tempos, os suportes informacionais foram evoluindo e tornaram-se fáceis de transportar, como as tabuletas de argila, o papiro, o pergaminho e o papel.

Com a substituição do papiro (livro em forma de rolo) pelo pergaminho (livro em formato *códex*), começa-se a pensar no livro como objeto. Com a chegada do papel na Europa, no século XII, e da prensa criada por Gutenberg, na década de 1440, o livro é popularizado e, com a produção em série, torna-se mais acessível.

Esta pesquisa aborda a trajetória do livreiro Raimundo Jinkings no processo de disseminação da informação em Belém, por meio de sua livraria, durante a Ditadura Militar. A disseminação da informação no período do Regime Militar era severamente controlada e não havia liberdade de pensamento.

O interesse pela temática surgiu quando a autora da pesquisa participou de um seminário sobre Raimundo Jinkings, na XVII Feira Pan-amazônica do Livro realizada em Belém do Pará, nos dias 04 e 05 de Maio de 2013. No seminário, cujo título era: “Raimundo, relato de vida”, os palestrantes: Isa Jinkings, Amarílis Tupiassu, Alfredo Oliveira e Roberto Côrrea apresentaram relatos sobre a biografia de Raimundo Antônio da Costa Jinkings, enfatizando a sua paixão pelos livros e pela política.

Esta pesquisa surgiu a partir do seguinte questionamento: Como Raimundo Jinkings realizava a venda de livros considerados subversivos no período da Ditadura Militar em Belém?

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa quanto aos objetivos caracteriza-se como descritiva e exploratória. Ela é descritiva porque relata a biografia de Raimundo Jinkings em paralelo com o histórico do Regime Militar; e é considerada como exploratória porque trata-se de um objeto de estudo cujo tema pouco abordado na literatura de modo geral, e especialmente em Biblioteconomia, porque não há dentre as temáticas de Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Federal do Pará, nenhum estudo com enfoque nesse assunto.

A pesquisa está estruturada em 10 capítulos, dispostos da seguinte forma:

O primeiro capítulo destina-se a apresentar o trabalho, a motivação para realizar a pesquisa e a estrutura da mesma.

No segundo capítulo, são expostos os objetivos: geral e específicos.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa.

No quarto capítulo, descreve-se a evolução da escrita, desde as inscrições rupestres até o alfabeto.

O quinto capítulo demonstra o desenvolvimento do livro: o livro manuscrito, a invenção de Gutenberg e o livro eletrônico.

No sexto capítulo, aborda-se sobre a disseminação da informação.

O comércio livreiro de Belém é o foco do sétimo capítulo.

No oitavo capítulo, é descrito o contexto histórico da Ditadura Militar.

O nono capítulo apresenta o livreiro Jinkings, sua ideologia e a Livraria Jinkings.

E, finalmente, no décimo capítulo, são fornecidas as considerações finais acerca da pesquisa realizada.

2 OBJETIVOS

O objetivo geral constitui a visão abrangente da temática em discussão, já o objetivo específico é responsável por abordar cada fase do trabalho e concretizar o objetivo geral.

Conforme Fachin (2006, p. 110), o objetivo geral “indica uma ação muito ampla do problema, e o específico procura descrever ações pormenorizadas, aspecto detalhado das raízes que se supõe merecerem uma verificação científica”.

2.1 Objetivo Geral

- Realizar um estudo da trajetória do livreiro Raimundo Antônio da Costa Jinkings e da Livraria Jinkings durante o Regime Militar em Belém.

2.2 Objetivos Específicos

- Relatar, sucintamente, a biografia de Raimundo Jinkings e sua trajetória ideológica;
- Identificar os serviços oferecidos pela Livraria Jinkings;
- Apresentar as principais livrarias de Belém.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, será abordada a metodologia utilizada no trabalho, com o intuito de esclarecer e direcionar para o objeto de estudo: o livreiro Jinkings e sua livraria.

3.1 Tipo da Pesquisa

Quanto aos objetivos, a pesquisa é do tipo exploratória, visto que se propõe a estudar o processo de divulgação da informação realizado pela Livraria Jinkings durante os 45 anos em atividade no comércio de livros em Belém. As pesquisas exploratórias são definidas por Gil (2002, p. 41) como aquelas que:

[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

O estudo também é considerado do tipo descritivo, pois, conforme Oliveira (1999, p. 114): “O trabalho descritivo procura abranger aspectos gerais e amplos de um contexto social [...]”.

O contexto social abordado neste trabalho refere-se ao período da Ditadura Militar em Belém (1964 - 1985) e à ação desenvolvida na Livraria Jinkings.

Gil (2002, p.42) enfatiza que: “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

As variáveis em estudo são: o livreiro Raimundo Jinkings, a Livraria Jinkings e a ideologia marxista.

3.2 Procedimentos

Quanto aos procedimentos de investigação, a pesquisa tem o caráter bibliográfico, em virtude da natureza das fontes de informação investigadas, quais sejam: livros, artigos de periódicos, jornais, dissertações e teses, blogs e outros.

Segundo Gil (2002, p.44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A leitura dos textos resulta em fichamentos que levam ao estudo do assunto e posterior redação da monografia.

Outro instrumento de coleta de dados utilizado foi o roteiro de entrevistas estruturadas, aplicadas à Isa Jinkings, esposa do livreiro e aos seus filhos Álvaro e Leila Jinkings. De acordo com Marconi e Lakatos (1985, p. 70): “A entrevista é o encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

A aplicação de entrevista do tipo padronizada, conforme Marconi e Lakatos (1985, p. 71): “É aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas”. Entretanto, deve haver sempre a possibilidade dos entrevistados relatarem livremente episódios considerados por eles relevantes.

4 A EVOLUÇÃO DA ESCRITA

A forma de comunicação que precede a escrita era feita oralmente. Antes de articular o som, o homem emitia grunhidos, gritos e urrava como os animais. Os registros primitivos foram desenvolvidos pelos homens nas paredes das cavernas ou nas pedras, sendo conhecidos como escritos rupestres e designadas de **pictografia**, a qual representa a pintura ou desenho das ideias retratadas através de figuras, sem padronização das representações gráficas.

A origem da arte da comunicação por meio de uma escrita que podia ser lida por outros remonta aos sumérios, na Mesopotâmia, há cerca de 3.500 a. C., época em que, na Europa, as únicas comunicações escritas consistiam em gravações da arte rupestre (KATZENSTEIN, 1986, p. 22).

A **escrita mnemônica** ou **escrita de memória** era realizada por meio de objetos, existindo vários sistemas mnemônicos. Descrevem-se abaixo os dois principais destes tipos de sistemas: os quipos e os wampuns (LITTON, 1975).

Os quipos eram o sistema de comunicação dos incas no Peru. Os chineses supostamente os utilizavam desde 2.200 a.C.. Os quipos eram retratados por cordões de lã de diferentes cores, com nós em alturas variadas para representar as ideias (KATZENSTEIN, 1986).

Os iroqueses comunicavam-se através dos wampuns. Conforme descreve Martins (2002, p. 39), os wampuns “são colares de conchas justapostas, cujas combinações formam figuras geométricas. Alguns deles chegam a empregar seis ou sete mil conchas”.

A **escrita fonética** é a representação dos sons da fala utilizando símbolos e, desde o início, parece ter sido privilégio das classes eclesiásticas e dominantes. McMurtrie (1982, p. 21-22) esclarece: “Um símbolo que podia servir para representar o som duma palavra completa, poderia, com o decorrer do tempo, vir a usar-se também para a sílaba ou som inicial dessa palavra”.

Martins (2002, p. 40) enfatiza que: “Daí surgiram os dois tipos de escrita que marcam essa grande revolução decisiva: a escrita silábica, na qual o sistema se funda em ‘grupos de sons’, representados por um sinal, e a escrita alfabética, em que cada sinal corresponde a uma letra”.

A **escrita silábica** é o resultado do desenvolvimento da escrita fonética. A evolução da escrita fonética é a **escrita alfabética**, cada som possui um sinal gráfico, estes sinais gráficos antecederam o nosso alfabeto. A escrita alfabética representa uma complexidade maior de ordem ideológica em relação à escrita silábica (MELLO, 1972).

A **escrita ideográfica** é a ideia representada por meio dos signos gráficos. Os tipos tradicionais dessa escrita são: o chinês, os caracteres cuneiformes e os hieróglifos. Os cuneiformes são os vincos talhados na argila pelos instrumentos rudimentares que criavam sinais no formato de cunhas.

No início, os contadores que traçavam as inscrições utilizavam placas de barro sobre as quais desenhavam objetos e seres que desejavam representar, com a ajuda de cálamos, caniços em que faziam a ponta. Com esses cálamos, ancestrais de nossas canetas-tinteiro e de nossas esferográficas, os sumérios habituaram-se a talhar em bisel (obliquamente) e com eles imprimir na argila fresca sinais que tomavam a forma de "cantos" e de linhas, formando espécies de supostas "cunhas", representações dos desenhos primitivos; daí a denominação de escrita "cuneiforme", de *cuneus*, "cunha" em latim (JEAN, 2008, p. 15).

Os hieróglifos são os signos gráficos dos monumentos e templos. A escrita hieroglífica deu origem a três modelos de escritas egípcias que são: escrita hierática, restrita aos sacerdotes; escrita epistolográfica, para produção de cartas e a escrita demótica, utilizada nas relações comerciais por ser cursiva e popular. Jean (2008) afirma que os primeiros documentos com inscrições em hieróglifos datam do terceiro milênio a.C..

Os fenícios, povos comerciantes e navegadores de civilização oriental localizada em uma estreita faixa do Mar Mediterrâneo, inventaram o **alfabeto**: "E foi por causa de suas transações comerciais que tornaram seu alfabeto conhecido nessa parte do mundo" (JEAN, 2008, p. 54).

Com base no alfabeto dos fenícios, o alfabeto grego foi criado, tornando-se modelo para o restante da humanidade. Mello (1972, p. 43) define alfabeto como: "um conjunto de signos convencionais, fixos, em que se baseia a escrita de um idioma".

A partir de então, o homem fixa as informações utilizando o registro gráfico da palavra: surge a escrita propriamente dita.

5 O DESENVOLVIMENTO DO LIVRO

O avanço dos suportes para o armazenamento de ideias será descrito neste capítulo, demonstrando a trajetória evolutiva do livro, desde a Antiguidade até a Pós-modernidade.

A natureza sempre forneceu ao homem materiais em grande quantidade para registrar as informações que seriam transmitidas à posteridade. A **pedra**, os **metais** e as **tabletas de argila**, do reino mineral; a **madeira**, o **papiro** e o **papel**, do reino vegetal; e o **pergaminho**, pertencente ao reino animal.

As fases do livro foram desenvolvidas por meio de um processo gradual, pois dependiam do formato do material (pedra, madeira, pele de animal) e da demanda para confecção dos suportes de escrita.

5.1 Livro Manuscrito

Na Antiguidade, a arte de escrever era exclusiva dos escribas, que recebiam uma instrução especializada e pertenciam à categoria mais elevada de um grupo profissional. A importância de um escriba era semelhante à dos reis.

Os livros possuíam os materiais dos três reinos da natureza e para registrar informações em uma página do livro de bronze ou de pedra, era preciso doze horas de trabalho (MELLO, 1972).

A madeira, proveniente do reino vegetal, foi um dos primeiros suportes de escrita, denominada de “tabletas de madeira”, por serem revestidas com uma fina camada de cera e usadas como cartas, cadernos e caderneta de anotações. O instrumento de escrita para este suporte era o **estilete**, fabricado de metal, osso ou madeira, com formato pontiagudo em uma das pontas (MARTINS, 2002).

O papiro é uma planta do Egito e das regiões do Líbano e da Síria. Os escritos neste suporte datam de 3.000 a 2.700 anos a.C.. O texto apresentava-se em colunas e depois de prontas as folhas escritas eram coladas uma a outra pelas extremidades, formando o rolo. Os rolos de papiro mediam de 15 a 18 metros e eram envoltos no bastonete denominado *umbilicus* (KATZENSTEIN, 1986).

De acordo com Jean (2008), o papiro era utilizado na fabricação de cordas, esteiras, sandálias, velas de barcos, objetos do uso diário e para a confecção do suporte de escrita. Tal procedimento é descrito abaixo.

O tratamento consistia em cortar do caule tiras finas, juntá-las, entrelaçando-as. Sobrepondo perpendicularmente duas camadas, obtinha-se uma superfície plana e flexível, pronta para secar por compressão antes de ser polida. Cerca de vinte folhas eram coladas com a pasta de amido, a fim de obter um rolo de vários metros de comprimento (JEAN, 2008, p. 39-40).

Com o intuito de impedir o crescimento da Biblioteca de Pérgamo, Ptolomeu Epifânio, no século II a.C., proibiu a exportação do papiro. A decadência do papiro começou por volta do século VII d.C., por serem frágeis à umidade, as fibras partiam-se quando enrolado e desenrolado (MARTINS, 2002).

Os antigos escribas, por exemplo, aqueles que copiaram os textos da Bíblia, escreviam em rolos de papiro, chamados *volumen* em latim. Esses *volumen* ofereciam muitos inconvenientes: o papiro era muito caro; além disso, bastante frágil, só uma de suas faces podia ser utilizada, devendo ser pouco manipulado; enfim, transportar rolos escritos não era coisa fácil (JEAN, 2008, p. 74, 80).

Devido à proibição da exportação do papiro, imposta pelo Ptolomeu Epifânio, na Ásia Menor, o Rei Êumenes II, do reino de Pérgamo, determinou a busca de outro suporte de escrita. Desse modo, a comunidade inventou o pergaminho feito de pele de animal, que foi exportado para o mundo inteiro. A utilização de pele de animal na escrita era conhecida na Ásia e foi aperfeiçoada em Pérgamo (MCMURTRIE, 1982).

Em geral, o pergaminho é uma pele de carneiro, bezerro ou cabra, mas a gazela, o antílope e mesmo o avestruz já forneceram essa matéria-prima. Entretanto, as peles de carneiro e bezerro levam vantagem por poder suportar a escrita dos dois lados. O velino é um pergaminho de qualidade superior, obtido do tratamento da pele de bezerros recém-nascidos ou natimortos (JEAN, 2008, p. 80-81).

Em virtude do preço elevado do pergaminho e da dificuldade de sua confecção, pois precisava-se abater os animais, criou-se a técnica do *palimpsesto* (livro reescrito), apagava-se a escrita anterior e o material poderia ser utilizado novamente. Contudo, prática ocasionou o desaparecimento de grande parte da literatura da época.

O pergaminho foi escrito, como o papiro, de um lado só, até que se descobriu ser perfeitamente possível fazê-lo nas duas faces. Enquanto a escrita era realizada apenas no reto, o pergaminho era

enrolado, como o papiro, para constituir o *volumen*. A escrita no reto e no verso vai dar nascimento ao *códex*, isto é, ao antepassado imediato do livro (MARTINS, 2002, p. 68).

As folhas eram ligadas por inteiro e dobradas ao meio, sendo tal técnica chamada de *in-fólio* (em folha). Os avanços conquistados com o aparecimento do pergaminho possibilitaram dobrar e costurar as folhas, sem a necessidade de enrolar e desenrolar como era com o papiro. Nasce o novo formato do livro, passando de rolo para a forma de caderno – ou *códex*.

Dentre os instrumentos de registro de escrita para estes suportes, têm-se: o **cálamo**, um caniço fino e oco para receber a tinta, cuja ponta era amassada na forma de pincel e quando usado no papiro e no pergaminho, a ponta era afilada. Posteriormente, a partir do século VI, o cálamo foi substituído por **pena de aves**, que podia ser de ganso ou de pato. Já no século XVI, surge a **pena de aço, bronze ou ferro** e, no final da Idade Média, aparece o lápis (MARTINS, 2002).

Na China, dois séculos a.C., o papel tinha como matéria-prima a seda, resultando no “papel de seda”. Utilizaram outros materiais na fabricação do papel, como: os restos de panos, cascas de plantas, algodão e pasta de madeira, criando-se o **papel de celulose**. Por volta do século V, a utilização do papel estava generalizada na China. No século XII, o papel chegou à Europa e começou a ser popularizado para os outros países (FEBVRE; MARTIN, 2000).

5.2 A Invenção de Gutenberg

A origem das impressões tabelares e dos caracteres móveis provêm da China. “A invenção chinesa de tipos separados antecedeu as experiências de Gutenberg em mais de quatrocentos anos. O inventor foi Pi Shêng e os tipos eram feitos de argila cozida, e não de metal” (MCMURTRIE, 1982, p. 119). O que impossibilitou o desenvolvimento da impressão dos tipos móveis na China foi a quantidade de caracteres, totalizando mais de mil caracteres.

No século XIII, as técnicas tipográficas já eram utilizadas na Europa. As impressões eram chamadas **tabelares, tabulares** ou **xilográficas**, por serem feitas com tabuinhas. “[...] o mais antigo dos impressos tabelares hoje existentes data de 1418 e representa a Virgem de pé, com o Menino Jesus nos braços” (MARTINS, 2002, p. 131).

A reunião das impressões tabelares era denominada de livros tabelares. As primeiras obras surgiram na metade do século XV e eram destinadas ao baixo clero, que eram os membros não ligados à nobreza e que provinham do povo, como o vigário, o padre e o pároco.

Da família dos Gensfleisch, Johannes Gutenberg, nasceu de uma família nobre em Mogúncia, na Alemanha, por volta de 1400. Na década de 1440 a 1450, na cidade de Estrasburgo, trabalhou com polimento de pedras, espelhos e de gravador (MCMURTRIE, 1982).

Para desenvolver seu invento, que consistia em uma prensa vertical articulada à matriz, mais a tinta, o prelo e o papel, baseado no processo de impressão utilizando os caracteres móveis ou tipos móveis, para desenvolver seu invento, Gutenberg precisou emprestar dinheiro do banqueiro Fust e não conseguiu pagar a dívida. Fust, então, apropria-se do material de Gutenberg como forma de ressarcimento. Em 1567, arruinado, Gutenberg morre na miséria (CAMPOS, 1994).

A **tipografia** ou **imprensa de tipos móveis** sempre foi recusada pela nobreza, porque por esse meio divulgavam-se ideias que poderiam ameaçar seus interesses. Assim, a invenção da imprensa de tipos móveis, criada por Gutenberg, abre caminho para a indústria moderna, haja vista ter sido o livro o primeiro produto industrializado pelo homem (MELLO, 1972).

A Revolução Industrial aconteceu em etapas na Europa, nos séculos XVIII e XIX, sendo que o principal motivo dessa revolução foi a substituição do trabalho manual pelo uso das máquinas e o pleito de um salário para os artesãos. A primeira etapa da Revolução Industrial ocorreu na Inglaterra entre 1760 e 1860. As principais inovações observadas decorrentes desse movimento foram: o uso do tear mecânico utilizado nas indústrias de tecidos de algodão; e, posteriormente, o aprimoramento das máquinas a vapor (HOBSBAWM, 2013).

Diante dessas mudanças, as principais etapas do desenvolvimento da tipografia são descritas abaixo:

As principais etapas desse processo de transformação da tipografia, de artesanato em indústria, marcam-se pelo seu desenvolvimento econômico conseqüente à introdução sucessiva dos seguintes aperfeiçoamentos técnicos: a invenção da máquina de papel, por Louis Robert, em 1798; a invenção da prensa mecânica, por Friedrich König, em 1812; a invenção da prensa rotativa, por

Marinoni, nos arredores de 1850; a invenção do linotipo, por Mergenthaler, em 1885 (MARTINS, 2002, p. 236).

Os livros impressos entre 1450 e 1500, ou seja, nos primeiros 50 anos da imprensa de tipos móveis, são chamados de *incunábulo*s. A mais importante impressão de Gutenberg foi a Bíblia de 42 linhas (B-42) e o incunábulo da mesma tipografia da B-42, que data de 1457, denominado de *Psalterium moguntinum*, impresso por Schoeffer (CAMPOS, 1994). O desenvolvimento do livro é descrito abaixo de forma resumida.

Das tabuinhas xilográficas para os tabletes de argila, dos rolos de manuscritos aos volumes em pergaminho e destes para os impressos em papel; dos estiletos para os pincéis e as penas de pato, destas para as metálicas e para os tipos móveis, o livro chegava, assim, ao que até agora é a sua última metamorfose técnica: a composição e impressão eletrônicas (MARTINS, 2002, p. 261).

Apesar da técnica criada por Gutenberg, algumas obras continuavam sendo manuscritas, principalmente os textos proibidos que precisassem manter a existência dessas obras secretas. Podemos considerar o livro impresso um instrumento para a democratização do conhecimento, por possibilitar às classes menos favorecidas o acesso à informação.

Gutenberg foi o inventor da imprensa de tipos móveis, originando o livro impresso e tornando-o fácil de transportar. O custo dos livros diminuiu, resultando no barateamento da obra e, conseqüentemente, um número maior de pessoas começou a utilizá-los, porque ficou mais acessível.

5.3 Livro Eletrônico

Com o transcorrer dos tempos, surge a internet. Por meio do avanço da internet e da tecnologia da informação e comunicação, emergem novos suportes e diferentes formas de acesso ao conhecimento, estabelecendo a informação digital com os livros eletrônicos, ou seja, os e-books.

Na Universidade de Illinois, Michel Hart cria o Projeto Gutenberg em 1971, que consistia em digitalizar e disponibilizar cópias da Declaração de Independência

dos Estados Unidos, da Bíblia, obras de Homero, Shakespeare e Mark Twain para atender à comunidade universitária. O primeiro livro eletrônico comercial foi o dicionário da Random House, publicado em 1981 pela Nuvomedia (PINHEIRO, 2014).

Pinheiro (2011, p. 14) define e-book como: “[...] uma publicação em formato digital que, para além de texto, pode incluir também imagens, vídeo e áudio”. Com a inclusão de vídeo e áudio, o livro torna-se mais interativo para o leitor, sendo assim, a forma de leitura também é modificada, como esclarece Chartier (1998, p. 12-13):

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir os textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito, assim como nas maneiras de ler.

Diante desta afirmação de Chartier sobre o livro eletrônico, podemos concluir que os agentes envolvidos na produção de um livro impresso, como: o autor, o editor, o impressor, o distribuidor e o livreiro possuem funções separadas; já os agentes envolvidos na produção do livro eletrônico parecem estar entrelaçados.

De acordo com Roger Chartier em sua obra *Os Desafios da Escrita*, o livro eletrônico:

É ao mesmo tempo uma revolução da modalidade técnica da produção do escrito, uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita. Daí a razão do desassossego dos leitores, que devem transformar seus hábitos e percepções, e a dificuldade para entender uma mutação que lança um profundo desafio a todas as categorias que costumamos manejar para descrever o mundo dos livros e a cultura escrita (CHARTIER, 2002, p. 24).

O processo gradual das diversas fases evolutivas de apresentação do livro, desde a Antiguidade até os tempos atuais, pode ser assim representado: o papiro

(volumen), na Antiguidade; o pergaminho (códex), na Idade Média; o livro impresso, na Modernidade e o livro eletrônico (tela), na era contemporânea.

6 DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Nos primórdios da humanidade, as sociedades ágrafas repassavam o conhecimento através dos relatos orais. Carvalho (2006, p.15) diz que: “O sentido de disseminação da informação e do conhecimento, desde a época clássica até a medieval, realizava-se entre os filósofos de forma oral [...]”.

O conhecimento precisava ser registrado em um suporte fácil de transportar para que a informação pudesse chegar a todos os lugares. Com a invenção de Gutenberg, o livro impresso passa a ser uma nova forma de disseminação, pois o conhecimento deixou de ser restrito a um grupo seletivo e alcançou uma quantidade maior de pessoas.

Disseminação vem do latim *disseminare* e, de acordo com Ferreira, Ferreira e Anjos (2004), significa o efeito de “semear ou espalhar por muitas partes, difundir, divulgar, propagar, espalhar”. Para Barros (2003, p. 41):

Quando se fala em disseminação da informação – e disseminar significa, em alguma medida, divulgar, difundir, propagar, mediante condições e recursos de que se cerca o agente – percebe-se a força das atividades educacionais imbricadas nesse processo e que tais atividades ora se ligam à educação formal por que passa o usuário, ora à educação informal e/ou continuada, ou ainda à educação do usuário quanto ao uso complexo da biblioteca ou de qualquer outro tipo de unidade de informação, o que se dá por meio do setor de Referência e Informação.

Pode-se dizer que o termo disseminação tem como finalidade transmitir de forma direcionada informações que satisfaçam às necessidades informacionais de determinados usuários, sejam estas individuais ou coletivas. “De início, a disseminação foi usada para representar o sucesso da distribuição da informação. Atualmente, disseminação está articulada ao sentido e uso da informação” (CARVALHO, 2006, p. 18).

Segundo Barros (2003, p. 53), o processo de disseminar possui dois aspectos indissociáveis: há informações a serem divulgadas; e são necessárias estratégias e técnicas de comunicação para se efetuar esta divulgação.

O termo informação é originado do latim *informatio* e significa instruir e organizar. A informação pode ser definida como todo o conjunto de dados

devidamente ordenados e organizados de forma a terem significado (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004).

De acordo com Le Coadic (2004, p. 5): “A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em suporte espacial-temporal [...]”.

Estamos em permanente contato com a informação em todos os lugares, sendo que em todas as áreas do conhecimento precisa-se da informação. Para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 201), a informação é o “Registro de um conhecimento que pode ser necessário a uma decisão”. A informação é um ingrediente útil para todos nós em qualquer atividade que iremos desempenhar.

Santos e Ribeiro (2003, p. 128) definem informação como: “Conceito genérico de tudo que possa representar notícia, conhecimento ou comunicação. Divide-se em: informação estruturada, aquela armazenada em nosso banco de dados; informação não estruturada, é a informação armazenada em nossos documentos”.

O valor da informação está diretamente ligado ao quanto ela ajuda aos que irão tomar as decisões. A informação é o elemento indispensável para o homem adquirir conhecimento, pois o conhecimento é gerado a partir da informação.

Carvalho (2006, p. 19) reúne quatro elementos fundamentais sobre a disseminação da informação:

- 1- Fontes de disseminação - a atividade de organização ou criação de um novo conhecimento para conduzir a atividade de disseminação;
- 2- Conteúdo – é disseminado em diferentes suportes;
- 3- Meios de disseminação – meios pelos quais o conhecimento ou produto será descrito e transmitido;
- 4- Uso – da informação ou produto disseminado.

Raimundo Jinkings disseminava a ideologia marxista por meio da venda de livros considerados subversivos existente em sua livraria. O meio de disseminação ocorria através das reuniões no espaço cultural. De posse dessas informações registradas nos livros, os seus clientes faziam uso de uma informação privilegiada que era censurada pelo governo brasileiro, numa terrível época em que vigorava o rígido regime da Ditadura Militar.

7 O COMÉRCIO DE LIVROS EM BELÉM: As Livrarias

As primeiras atividades comerciais em torno do livro remetem ao passado, embora sem grande intensidade. Na Grécia, o livro era restrito à família e amigos do escritor, “não era artigo de comércio” (OLIVEIRA, 1985, p. 49). Na Ásia Menor, particularmente em Mileto, o livro começa a ser comercializado, surge, então, o copista-livreiro (*bibliopoles*) para atender ao público na aquisição de livros. As cópias das obras eram efetuadas pelos copistas e vendidas posteriormente.

Em Atenas, no século V, aparecem as primeiras livrarias situadas em Ágora, que era uma praça principal das antigas cidades gregas, um local em que se instalava o mercado e que muitas vezes servia para a realização das assembleias do povo. Por meio de visitas casuais dos intelectuais da cidade às livrarias, estes estabelecimentos tornaram-se um local propício para a realização de leitura de obras inéditas, bem como de divulgação de lançamentos de livros. Também, os livreiros alugavam algumas obras para serem lidas durante um tempo determinado (OLIVEIRA, 1989).

Campos (1994, p. 163) descreve o comércio livreiro de outrora da seguinte forma: “[...], o livro, durante a maior parte da Idade Média, era encontrado quase exclusivamente nos clautros. Com o nascimento das universidades, no século XIII, o livreiro (*stationarius*) e seu comércio ressuscitam”.

O termo livreiro é proveniente do latim *librarius*, significa aquele que vende livros (LITTON, 1975). A atuação do livreiro era bem diversificada, pois sua matéria-prima era o livro e, por esse motivo, quem trabalhava com qualquer atividade ligada a esse suporte informacional, chamava-se livreiro.

No Brasil, precisamente no Rio de Janeiro, entre os séculos XVII e XVIII, o *Collegio* dos Jesuítas, situado no Morro do Castelo, foi o pioneiro na venda de livros. Como a religião oficial no Brasil era a Católica, eram vendidos apenas bíblias e livros referindo-se ao Catolicismo (MACHADO, 2009).

No relatório de governo, referente ao período 1779 – 1789, o vice-rei Luís de Vasconcelos afirma existirem quatro “oficinas de livreiros” na cidade. O que não significa quatro lojas de venda de livros, pois o termo livreiro, na época, designava tanto o que comercializava livros, como o encadernador ou qualquer atividade ligada ao livro (MACHADO, 2009, p. 21).

As remessas de livros fortaleceram-se depois da chegada da Família Real ao Brasil, conforme Abreu (2012, p. 27) descreve:

O movimento de livros em direção ao Brasil era muito intenso do que entre as cidades portuguesas e extraordinariamente superior ao registrado em relação às outras colônias. Entre 1769 e 1826, registraram-se em torno de 700 pedidos de autorização para envio de livros para o Rio de Janeiro, outros 700 para Bahia, 350 para o Maranhão, 200 para o Pará e mais de 700 para Pernambuco.

A primeira livraria brasileira foi fundada em 1833 pelos irmãos Eduard Laemmert e Heinrich Laemmert, sendo denominada de Livraria Universal. Após 76 anos de atuação, foi fechada em 1909 em decorrência de um incêndio (PAIXÃO; MIRA, 1998, p. 14)

Clóvis Moraes Rego, em sua obra Subsídios para a história do Colégio Estadual “Paes de Carvalho” (2002), relata os nomes das principais livrarias de Belém, as quais estão relacionadas a seguir.

A primeira livraria em Belém foi a Livraria Universal que, segundo informações de Rego (2002), foi fundada em 1868, na Rua João Alfredo, nº 52, e pertencia a Eduardo Tavares Cardoso. As partes externa e interna da livraria são descritas abaixo:

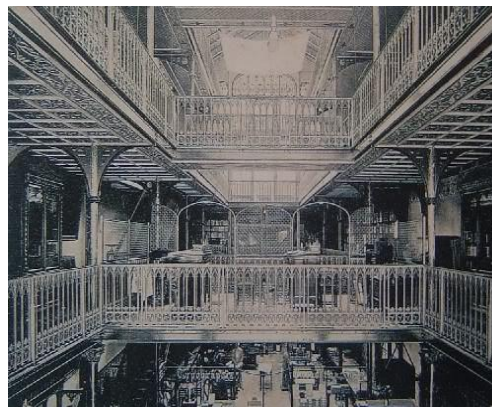
A mim parecia a mais senhorial, prédio com a fachada toda em pedra de lioz e o interior todo ornamentado com belíssimas estantes, com portas envidraçadas em cristal e todas trabalhadas. [...] O seu interior era juncado de livros de todas as procedências, estrangeiros e nacionais, os clássicos latinos, a mitologia grega, os autores contemporâneos da França, da Inglaterra, da Alemanha, o que havia de melhor, nos originais. Os portugueses, clássicos ou não, traduções primorosas de clássicos de outras línguas e dos latinos (MEIRA, 1992, p. 8).

Figura 1: Fachada da Livraria Universal



Fonte: Belém da Saudade, 1998.

Figura 2: Interior da Livraria Universal



Fonte: Belém da Saudade, 1998.

A Livraria Clássica foi fundada em 4 de abril de 1885, na Rua João Alfredo, nº 59/61, pertenceu a João Garibaldi Tavares Viana e Manoel Francisco da Silva. A referida livraria possuiu uma filial na Rua 28 de setembro, nº 119, no bairro do Reduto, com o nome de Livraria do Povo. A Livraria Clássica recebeu um prêmio por ter fabricado para a Alemanha o Livro de Ouro. Foi considerada uma das mais importantes livrarias do Norte e Nordeste, pela sua atuação na tipografia, encadernação e papelaria (REGO, 2002).

A Livraria Econômica, situada na Tv. Campos Sales, nº 284, iniciou suas atividades por volta de 1930, com João Duarte Failache. Em 1933, João Falaiache entregou o estabelecimento comercial para seu irmão Eduardo Failache (AÇÃO, 1994). A livraria era mais conhecida como o Sebo do Dudu, pois desde 1937 Eduardo Failache comercializava livros usados, com um acervo em torno de 20 mil volumes, a maior parte constituída por livros técnicos e acadêmicos (CINQUENTA, 1988).

A Livraria Globo localizava-se na Tv. Padre Eutíquio, nº 105, tendo como proprietário o Sr. Alberto da Luz Pinheiro. Teve como filial a Livraria Alfacinha, situada na Rua Conselheiro João Alfredo, nº 104.

A Livraria Contemporânea, instalada na Rua Conselheiro João Alfredo, nº 20, de propriedade do Sr. José Luiz Amaro e seu sobrinho Manoel de Brito Lourenço. Este estabelecimento recebia almanaques e livros de edições portuguesas.

A Livraria Brasil, situada na Rua 15 de novembro, nº 89, do Sr. Franco Rubim.

A Agência Martins, estabelecida na Tv. Campos Sales, nº 85, do Sr. Albano Martins, funcionava aos sábados.

A Maranhense, instalada na Rua dos Mercadores.

A Livraria Bittencourt, situada na Rua João Alfredo, nº 41, do Sr. Raymundo Lameira Bittencourt.

A Livraria Moderna, situada na Rua João Alfredo, nº 86, do Sr. Sabino Viana.

A Livraria Escolar, localizada na Tv. Campos Sales, nº 21, e posteriormente nº 105, do Sr. Porto de Oliveira.

A Livraria Pará, posicionada na Rua João Alfredo, nº 22, do Sr. Ivo Moreira & Cia.

A Livraria Carioca, estabelecida na Rua Santo Antônio, nº 79, do Sr. Raimundo Júpter Maia & Cia.

A Livraria Vitória, localizada na Tv. Padre Eutíquio, nº 98, do Sr. Raimundo Saraiva de Freitas.

A Livraria Olinda, instalada na Rua 13 de Maio, nº 220, de propriedade do Sr. E. Dumas Aguiar.

A Livraria Gillet, posicionada na Rua João Alfredo, nº 64, do Sr. Torres & Cia.

A Pará Intelectual, situada na Av. 15 de Agosto, do Sr. Carlos Lucas de Souza.

A Livraria Dom Quixote, localizada na galeria do “Palácio do Rádio” na Rua Ó de Almeida, fundada por Haroldo Maranhão em 1960. Machado (2009, p. 205) relata um dos momentos mais importantes da Livraria Dom Quixote:

[...] a tarde de autógrafos de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. O casal, de passagem pela cidade, achava-se hospedado no Grande Hotel. Convidados por Benedito Nunes, aceitaram com satisfação. Por sorte, a livraria tinha todos os seus livros publicados em traduções brasileiras, e muitos exemplares do recém-lançado *Furacão sobre Cuba*. A festa, literalmente, paralisou o quarteirão, formando-se uma fila nunca antes vista em Belém, pelo menos para comprar livro.

Haroldo Maranhão decidiu morar no Rio de Janeiro e as atividades comerciais da Livraria Dom Quixote foram encerradas no final de 1961.

Além do levantamento das livrarias antigas de Belém, esta pesquisadora realizou o levantamento das livrarias consideradas mais importantes na cidade, e que não estão mais em funcionamento, quais sejam:

A Livraria Ponto & Vírgula, localizava-se na Rua Conselheiro, nº 2731.

A Livraria Newstimes, situava-se no Shopping Pátio Belém, Travessa Padre Eutíquio, nº 1078, (Piso 1).

A Livraria Jinkings, estabelecida na Rua dos Tamoios, nº 1592, tendo como proprietário Raimundo Jinkings, que iniciou a venda de livros na sua residência em 1965 e a livraria foi fechada em 2010.

A Nossa Livraria de Belém, instalava-se na Tv. Padre Eutíquio, nº 397, de propriedade de Neiro Rodarte. A livraria foi inaugurada em 1983 e encerrou suas atividades comerciais em 1997.

A primeira ocorrência do evento Feira do Livro de Belém foi em um fim de semana, na Praça da República, em 1981, sendo organizada por Raimundo Jinkings e Neiro Rodarte, com apoio de um grupo de livreiros. O governador do Pará neste período era Alacid Nunes que não apoiava feiras de livros. Poucos livreiros incluíram títulos que estavam censurados e com a venda proibida. Então, alguém denunciou ao comandante do 1º Comar, que informou à Polícia Federal e a feira foi paralisada e os livros apreendidos. A feira do livro em Belém só foi liberada no governo de Jader Barbalho em 1983 (JINKINGS, 2013).

Existem atualmente redes de livrarias, com unidades espalhadas por vários estados do Brasil, também as tradicionais livrarias menores, localizadas apenas em uma cidade, e portanto, mais intimistas, que propiciam reuniões com intelectuais e convívio mais próximo entre os clientes e o proprietário da livraria.

A seguir são relacionadas as livrarias que atualmente desenvolvem suas atividades na cidade de Belém, funcionando unitariamente, isto é, não pertencem a nenhuma rede de livrarias.

A Livraria Solar do Leitor, situada na Tv. dos Tupinambás, nº 431 (dentro do Colégio Ideal), tendo como proprietário o Sr. Wagner Alonso, fundada em setembro de 2001.

A Livraria Acadêmica, instalada na Av. Alcindo Cacela, nº 228, fundada em 1982.

A Livraria Didática, localizada na Av. Perimetral – bloco profissional – UFPA, fundada em 2003.

A Livraria FOX, posicionada na Tv. Doutor Moraes, nº 584.

A Livraria Visão, instalada no Shopping Pátio Belém, Tv. Padre Eutíquio, nº 1078, (Piso 2).

Recentemente deixou de funcionar a Livraria JP Gonçalves, que situava-se na Tv. Padre Eutíquio, nº 850, e era de propriedade do Sr. José Gonçalves. A livraria foi inaugurada em 1974 e encerrou suas atividades comerciais em 2014.

Atualmente, em Belém, as redes de livrarias em funcionamento são:

A Livraria Saraiva, situada no Shopping Boulevard, Av. Visconde de Souza Franco - Pista Lateral, nº 776.

A Livraria Somensi, instalada na Tv. São Pedro, nº 406.

A Livraria Clássica, posicionada na Av. Almirante Tamandaré, nº 755.

A Livraria Leitura, estabelecida no Shopping Pátio Belém, Tv. Padre Eutíquio nº 1078, (Piso 3).

8 DITADURA MILITAR NO ESTADO DO PARÁ: 1964 a 1985

Os livros são imprescindíveis na sociedade e na construção do conhecimento do homem. Por este motivo eram muito visados nas guerras. Documentos que registram a presença de livros no Brasil durante o século XVI são escassos. Em 1549, quando é instalado o governo-geral em Salvador, passamos a possuir os livros (MORAES, 2006).

Os historiadores, fundamentados nas obras dos viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil no final do século XVIII, relatam que nas últimas décadas de 1700 havia carência também de livrarias (MORAES, 2006).

Com a chegada da Família Real ao Brasil, ocorreu um grande choque no cenário cultural, foram intensificadas as remessas de livros e, conseqüentemente, as circulações das obras tornaram-se frequentes (ABREU, 2012). Porém, os portugueses eram severos quanto à publicação e circulação dos impressos, havia uma censura prévia das obras, conforme descreve Milanesi (1983, p. 24 - 25):

Desde 1536, qualquer impressão de livro passava por três censuras: Santo Ofício e Ordinário (da Igreja Católica) e o Desembargo do Paço (poder civil). As censuras eram independentes. A primeira lista de obras proibidas surgiu em 1551, sob a responsabilidade do Cardeal Inquisidor Geral, o Infante D. Henrique. Em 1768, o Marquês de Pombal aperfeiçoou a censura, unificando as três existentes sob a denominação de Real Mesa Censória.

Após a Proclamação da Independência do Brasil em 1822, D. Pedro I aboliu a censura prévia no dia 25 de março de 1824, quando outorga na Constituição o inciso 4º, artigo 179, que afirma: “todos podem comunicar seus pensamentos por palavras, escritos, e publicá-los pela imprensa, sem dependência de censura, contanto que hajam de responder pelos abusos que cometerem no exercício deste direito, nos casos e pela forma que a lei determina” (MATTOS, 2005, p. 102).

No Estado Novo, o Presidente Getúlio Vargas decreta, na Constituição de 1937, o artigo 122, onde estabelece a censura prévia, com o intuito de assegurar “a paz, a ordem e a segurança” (MATTOS, 2005, p. 104).

Em outubro de 1960, Jânio Quadros é eleito presidente do Brasil e é empossado em janeiro de 1961. Com o declínio da economia brasileira e o ritmo crescente da inflação, em agosto do mesmo ano, Jânio renuncia ao cargo. O vice-

presidente João Goulart assume a presidência em setembro de 1961, mesmo contra a vontade dos ministros militares (REIS FILHO, 2002). Os episódios do dia 1º de abril de 1964 foram cruciais para os militares tomarem o poder, conforme descreve Carlos Fico (2001, p. 33-34).

As principais posições já estavam conquistadas pelos militares golpistas no dia 1º de abril de 1964. João Goulart não ofereceu resistência, malgrado algumas demandas nesse sentido, provenientes de assessores diretos do presidente virtualmente deposto. Ele voou do Rio de Janeiro, onde estava, para Brasília e, de lá, decidiu seguir para Porto Alegre. Darcy Ribeiro, chefe do Gabinete Civil de Goulart, e Waldir Pires, consultor-geral da República, tentando evitar caracterização de uma fuga, rapidamente redigiram um ofício ao Congresso Nacional informando sobre o deslocamento do presidente. Eram já as primeiras horas da madrugada do dia 2 e nem havia datilógrafos disponíveis. O cuidado se explicava, porque o presidente não poderia se ausentar do país sem autorização prévia do Congresso: tratava-se de registrar que o deslocamento se dava dentro do território nacional. Às 2h40min do dia 2 de abril de 1964, em uma sessão fulminante, mesmo informando de que Goulart estava no país, Auro de Moura Andrade, presidente do Congresso Nacional, declarou vago o cargo de presidente da República, sob o protesto de alguns parlamentares do PTB. Pronto. Estava consumado o golpe de 1964.

Com o golpe militar em 1964, o presidente João Goulart é deposto e os militares assumem o poder, com a promessa de proteger a democracia, extinguir a corrupção e impedir a infiltração do Socialismo no país. Dessa forma, foi implantada a Ditadura Militar no Brasil.

O vocábulo ditadura é originado de *dictatura* romana (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 368). O Regime Militar instaurado no Brasil em 1964 pode ser classificado como uma ditadura autoritária que:

[...] emprega, além dos meios coercitivos tradicionais, o instrumento peculiar do partido único de massa, tendo assim condições de controlar completamente a educação e os meios de comunicação e também as instituições econômicas. Além disso, pode exercer uma pressão propagandística permanente e penetrar em cada formação social, e até na vida familiar dos cidadãos, suprimindo qualquer oposição e até as críticas mais leves, através de especiais aparelhos políticos, de polícia e de terror, impondo assim a aceitação entusiástica do regime a toda população (BOBBIO MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 375).

Em Belém, o líder das conspirações foi o tenente-coronel Jarbas Gonçalves Passarinho, responsável por mediar a conversa do general Orlando Ramagem com o general Amaury Krueel, conforme descrevem Petit e Cuéllar (2012, p. 171-172).

Em Belém, no dia 1º de abril, o general Orlando Ramagem, chefe do Comando Militar da Amazônia (CMA), se reunia com o tenente-coronel Jarbas Passarinho e os membros do Exército, Marinha e da Aeronáutica que integravam o CMA. Jarbas Passarinho foi quem intermediou a conversa por rádio-amador entre Ramagem e o QG do II Exército (São Paulo - Mato Grosso), sob comando do general Amaury Krueel, considerado um militar “legalista” como o general Ramagem. Pela manhã, Ramagem ainda estava muito reticente em apoiar o golpe de estado, mas a partir da conversa com o general Krueel, considerado até aquele dia um dos homens de confiança do esquema militar do presidente Jango, por volta das 15 horas aderiu ao golpe.

Aurélio do Carmo, governador do Pará naquele período, estava no Rio de Janeiro. Newton Miranda, vice-governador, resistia em manifestar-se publicamente o apoio ao golpe de estado, conforme sugeriu Jarbas Passarinho. Moura Carvalho, prefeito de Belém e Isaac Soares, vice-prefeito, também não contestaram nada sobre o golpe militar (OLIVEIRA, 2010).

O manifesto de adesão ao golpe militar, escrito por Jarbas Passarinho e assinado pelos militares e por Newton Miranda, foi publicado pela imprensa no dia 03 de abril de 1964. As prisões eram realizadas pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e pela Polícia Militar, os prisioneiros eram encaminhados para vários lugares de Belém (OLIVEIRA, 2010).

A promessa de “revolução” de prender os corruptos se limitou a meia dúzia de nomes logo liberados. Quanto aos chamados subversivos... O golpe resolveu entupir com eles o “planeta de grades”. Geralmente eram arrancados de suas residências, invadidas sem mandado judicial. Os visados pertenciam ao leque considerado subversivo: comunistas, socialistas, trabalhistas, católicos da AP, nacionalistas pertencentes aos partidos legais, etc. Eram conduzidos para diversos lugares espalhados na capital: 2º Batalhão de Infantaria da Polícia Militar, na rua Gaspar Viana; 5ª Companhia de Guardas do Exército, onde fica hoje a Casa das 11 Janelas, junto ao forte do Castelo; presídio da ilha de Cotijuba, no lado oposto da Guajará; 26º BC, hoje 2º BIS, na avenida Almirante Barroso; antigo QG da Aeronáutica, na Praça da República; Base Aérea de Belém, em Val-de-Cans; QG da 8ª Região Militar, na Praça da Bandeira; Arsenal de Marinha, na Cidade Velha; Presídio São José, na Praça Amazonas, hoje Polo Joalheiro São José Liberto; DOPS, na Central de Polícia, etc. (OLIVEIRA, 2010, p. 180-181).

As torturas eram utilizadas com o intuito de obter informações de outros suspeitos de subversão. Oliveira (2010, p. 182) descreve como eram as torturas em Belém.

Nos três primeiros meses do golpe, não correu notícia de tortura nas prisões do Exército e da PM em Belém. É claro que por tortura se entendia agressões físicas, porque havia a tensão emocional em consequência de isolamento e incomunicabilidade, às vezes de modo perverso, como aconteceu a Benedito Monteiro. As celas lotadas eram imundas e anti-higiênicas. A comida de péssima qualidade obrigava os familiares a carregar marmitas para os presos, que eram privados, com frequência, de banho de sol e de chuveiro. [...] Contudo, ao contrário dos outros, o pessoal preso pela Marinha revelou que havia tortura no Arsenal. Jacoud recebeu choque elétrico, a “geladeira”¹ funcionava, espancamentos de prisioneiros ocorriam durante os interrogatórios.

Durante a Ditadura Militar, o livro serviu de meio de divulgação da ideologia socialista, por este motivo houve muita queima de livros e censura de um modo geral à leitura de autores contrários às ideias do governo.

¹ Os presos ficavam pelados em uma cela baixa e pequena, que os impedia de ficar de pé. Depois, os torturadores alternavam um sistema de refrigeração superfrio e um sistema de aquecimento que produzia calor insuportável, enquanto alto-falantes emitiam sons irritantes. Os presos ficavam na “geladeira” por vários dias, sem água ou comida.

9 RAIMUNDO JINKINGS

Em Turumim, distrito de Santa Helena, na comarca de Pinheiros, região do Rio Turiaçu, no Maranhão, nascia no dia 05 de setembro de 1927 o terceiro de oito filhos do casal Raimundo Jinkings e Francisca Leite Jinkings, registrado como Raimundo Antônio da Costa Jinkings (BRASIL, 1995).

Alfabetizou-se em uma escolinha e continuou a estudar com o pai em casa. Após a morte de sua mãe, foi morar na casa de seus avós em Pinheiros, com o objetivo de estudar. Um amigo da família levou Jinkings e seu irmão mais velho Hércules para morar em São Luiz, eles vendiam quadros durante o dia e estudavam à noite. Através da ajuda deste mesmo amigo, Jinkings vem para Belém se aventurar na vida.

Aos 15 anos, leu “As dores do mundo”, de Schopenhauer, onde o autor retrata as misérias do mundo. Aos 18 anos, presta serviço para a Força Aérea Brasileira (FAB), sendo designado para trabalhar em Belém, chegando no dia em que Getúlio Vargas era deposto, em 29 de outubro de 1945, para servir por dois anos como soldado da FAB.

Como estudante do Colégio Noturno Pará – Amazonas, criou junto com Roberto Uchoa e Tomé Castro o Comitê Estudantil de Defesa do Petróleo, de grande influência no Pará. Mais tarde, seria membro do Comitê Estudantil da Campanha “O Petróleo é nosso”, que resultou na criação da PETROBRÁS (JINKINGS, 2013)

Em outubro de 1948, viu pela primeira vez Isa Tavares, que futuramente seria sua esposa e companheira. Segundo o relato de D. Isa Jinkings, em entrevista realizada pela autora (ver Apêndice A), tem-se que:

Foi de uma maneira muito mágica. Eu tinha 14 anos e era uma menina super romântica. Fui com minha irmã mais velha e as amigas dela passear no Arraial de Nazaré. Naquela época, o costume era o seguinte: os rapazes ficavam todos na calçada e as moças ficavam passando. [...] Num desses momentos que eu passei e de longe vi o rosto dele, ele me olhando. Ele tinha um olhar muito profundo, penetrante, já mexeu comigo aquele olhar. E ficamos só nisso. Isso foi em outubro de 1948, quando foi dia 1º de janeiro de 1949, iria ter uma festa no Clube dos Aliados, que era um clube na Praça da República muito bem frequentado, minhas irmãs frequentavam as festas porque tinham idade. Teria uma festa das seis a meia-noite, não sei por que pedi para minha mãe para ir nesta festa. E minha

mãe respondeu: - Não, não. Você é muito nova, só quando tiver 18 anos você irá frequentar festa à noite, não fica bem. Entretanto, depois minha mãe consentiu e eu fui à festa, e nesta festa, quando estava dançando, eu o vi. [...] Ele se colocou do lado da nossa mesa e na próxima música ele se aproximou e me tirou pra dançar. E as primeiras palavras que ouvi dele foram: - Dança outra comigo?. Já para garantir, e com uma ou duas músicas a festa acabou. Mas, com toda minha timidez, deu tempo de falar que no próximo sábado, dia 8 de janeiro, seria meu aniversário de 15 anos e minha festa de humanistas no Colégio Moderno e, por uma sorte imensa, a festa foi marcada exatamente no dia dos meus 15 anos. Neste dia, ele entrou de penetra com um amigo que também fez ele entrar no Clube dos Aliados, ele não podia entrar porque não era sócio, então durante essa semana ele fez tudo o que era possível. Ele morava lá no Marco, nesse tempo era como se fosse Ananindeua. Ele morava na Angustura e trabalhava no Hospital da Aeronáutica, e ele conseguiu entrar de sócio no clube para garantir a entrada da festa. E, nesta festa dos meus 15 anos, começamos a namorar e foi assim até o resto da vida, nós não nos deixamos mais.

Foi aprovado, em 1951, para o concurso do Banco de Crédito da Amazônia S/A, atualmente Banco da Amazônia (BASA). Em 1952, começou a escrever artigos para os jornais de Belém, assinando-os como R. A. Jinkings. No dia 02 de maio de 1953, casou-se com a professora Maria Isa Valente Tavares, com quem teve 5 filhos: Nise, Leila, Antônio, Álvaro e Ivana (OLIVEIRA, 2012). Na entrevista, D. Isa relatou o seguinte:

Nós escrevíamos juntos os artigos dele para os jornais. Quando abriu o concurso do Banco da Borracha, hoje Banco da Amazônia (BASA), nos estudávamos juntos na Praça Batista Campos até a hora em que ele ia para o Ginásio Pará-Amazonas, no primeiro curso noturno que inaugurara em Belém. Havia advogados, professores, profissionais de diversas áreas inscritos, e ele passou em 4º lugar. Em janeiro de 1951, ele começou a escrever artigos para os jornais de circulação local. Quando a primeira filha estava com 1 ano e a segunda com 50 dias, nós fomos para o Maranhão, porque ele como jornalista escreveu um artigo contra o Gabriel Hermes, Presidente do BASA, porque soube da patifaria que ele estava fazendo. Ele estava usando o dinheiro do banco para a campanha dele e o Jinkings foi punido com a transferência para o Acre, que era a pior agência que existia do BASA, quem ia pra lá conhecia todas as endemias. Jinkings começou a solicitar a transferência do Acre para São Luís e, nesse meio tempo, o Gabriel Hermes foi destituído do banco, havendo mais facilidades para conseguir a transferência para o Maranhão.

Jinkings foi transferido da agência do BASA de Belém para ser gerente na agência de Bacabal, em São Luiz. Por três anos permaneceram no estado maranhense, retornando a Belém em 1959, quando foram contemplados com o

financiamento da Caixa de Previdência do BASA para a construção da casa própria. Com o Golpe Militar de 1964, Jinkings decidiu entrar na clandestinidade, abrigando-se na casa de familiares e amigos.

Quando arrebentou o golpe, ele era a pessoa mais visada como o cabeça da subversão no Pará, porque ele tinha uma atuação muito forte como sindicalista. Quando foi criado o CGT, ele foi eleito por unanimidade para ser presidente, ele fazia piquete na porta do Banco da Amazônia. No dia 31 de março de 1964, ele estava em assembleia geral no CGT, eles tiraram uma resolução e ele foi ao jornal levar a notícia para o Leal, que disse: - Jinkings, o movimento no Rio já está. Ele passou na empresa F. Aguiar e comprou um rádio pra eu poder acompanhar as notícias. Parou o carro na Apinagés, e nos morávamos na Mundurucus, e veio em casa me dar um beijo. Na véspera, tinha sido aniversário de 10 anos da nossa filha mais velha, a mais nova tinha 3 anos. E foi embora e passou a ser clandestino. No dia seguinte, a notícia era de meia em meia hora: “Continua foragido o agitador comunista Raimundo Jinkings, ex-presidente do famigerado CGT”. (Isa Jinkings em entrevista realizada pela autora).

Leila, a segunda filha do casal, relatou o momento em que Jinkings despediu-se dos filhos para viver clandestinamente. (Ver Apêndice B).

Veio o golpe militar e papai “viajou”. Nossa rotina não mudou: escola pela manhã, trabalho escolar até 4 da tarde e, depois, rua e, claro, a guerra com os reacionários (essa palavra também aprendemos com papai e mamãe). Nas rádios e na televisão, no entanto, os repórteres davam a notícia, e alguns se referiam a ele como o “famigerado comunista Raimundo Jinkings”. Mamãe falou que ia telefonar para meu pai e que ele falaria conosco. Mais tarde, ela nos avisou que papai viria nos visitar, mas em segredo, pois os milicos queriam prendê-lo, porque lutava para que os pobres tivessem os mesmos direitos que nós. À noite, mamãe nos chamou para o quarto que ficava nos altos e dava para o quintal. Foi muito emocionante encontrar o papai, que nos aguardava. O quarto estava na penumbra, não se podia acender a luz. Talvez houvesse um abajur ou uma vela, pois podíamos enxergar muito bem o papai. E, mais importante, senti-lo. Ele nos abraçou muito, apresentou o camarada que o acompanhava e falou que estava tudo bem, mas que ele estava escondido para que os milicos não o pegassem, porque ele era amigo do Jango e dos comunistas. Ele estava vestindo um macacão de operário, tinha os cabelos crescidos e estava barbado. Carinhosamente, nos tirou as dúvidas e fez as recomendações que qualquer pai faz, do tipo “sejam obedientes”, “ajudem sua mãe”, além das que só um pai como ele faria: falou que não precisava explicar nada para ninguém e nem deveríamos contar que ele nos visitara, para que não pressionassem a mamãe. E que o importante era que estaria sempre em contato conosco por meio da mamãe. Jamais esqueci esse momento. Me senti companheira e amiga do meu pai. Muito orgulhosa dele, da sua coragem e da sua generosidade.

D. Isa, em depoimento à autora desta pesquisa, relatou os locais em que Jinkings ficou quando estava na clandestinidade.

Ele ficou na casa da minha irmã, na Dom Romualdo de Seixas, quando ele saiu de lá, no dia seguinte, a polícia foi lá. Minha irmã disse que até máquina de lavar eles abriam, o fogão, o forno. Tinha sempre alguém que dedurava. E ele ficou assim na casa de parente, companheiro de partido, amigos. Eu, todo tempo, sabia onde ele estava e mandava roupa limpa, alimentos, jornais de uma forma muito sutil. A última casa que ele ficou é a que até hoje eu me emociono muito, foi do estivador que tinha 9 filhos em uma casa modesta. De dia, ele ficava debaixo da cama e, de noite, é que ele ficava sentado, mas ninguém falou nada, nem as crianças. Ele ficou lá até o dia em que teve que se apresentar, no dia 29 de abril de 1964.

Raimundo Jinkings foi preso em 29 de abril de 1964, pelo oficial da Polícia Militar, José de Azevedo Bahia Filho, o Capitão Bahia, recebendo a acusação de organizar uma guerrilha para lutar contra a Ditadura. Combinou entregar-se à polícia para não ser demitido pelo BASA por abandono de emprego.

Eu recebi uma intimação do banco sobre pena de perda de emprego, conversamos com o advogado e ele aconselhou que o Jinkings se entregasse. Jinkings pensou na família e fizemos uma articulação com um amigo nosso, o Costinha, que tinha um irmão preso no Presídio São José, presídio de preso comum, não era de preso político. Costinha estava muito preocupado com esse irmão e fez uma negociação com o capitão Bahia, que era diretor do presídio, ele entregaria o Jinkings se ele soltasse o seu irmão. Foi tudo combinado com o meu irmão, que foi buscar o Jinkings e entrou com o carro de ré na casa da minha irmã, levantou o capô, fingiu que estava mexendo e o Jinkings saiu e foi para casa da minha mãe, passou pelo portãozinho que havia no quintal, foi para nossa casa e passou a noite com a gente. No dia seguinte, ele foi no carro do meu irmão, no banco do carona, e o Capitão Bahia e o Costinha atrás, eles foram ao banco, o Jinkings assinou o ponto e o Capitão Bahia deu voz de prisão, tudo já combinadinho, tudo tranquilo. (Isa Jinkings em entrevista realizada pela autora).

Álvaro Jinkings, o quarto filho do casal, relatou em entrevista realizada pela autora deste trabalho (ver Apêndice B), uma situação frustrante que presenciou em uma das visitas que fez ao Jinkings quando ele estava preso e esperava ser posto em liberdade. O relato é o seguinte:

Chegando lá, onde é hoje a Casa das 11 janelas, ele estava preso a uns 3, 4 meses mais ou menos. Chegando lá, na porta ele iria ser solto e a gente foi andando, eu, ele e a mamãe. Ele não deu 50 passos, parou um jipe do lado dele do mesmo quartel. Um policial falou:– Seu Raimundo Jinkings. Ele: Pois não! O policial disse: – O senhor está preso! Então, prenderam ele de novo e o levaram para outro quartel. A mamãe começou a chorar, falaram que iriam matá-lo. Ele foi lá para o 26º BC (atualmente 2º BIS, na Av. Almirante Barroso), não me lembro bem como se desenrolou, mas sei que o advogado já foi pra lá e encontraram logo ele. Mas era assim, uma tensão horrível.

Na prisão, a forma de comunicação entre Jinkings e a família era estabelecida através de cartas, conforme descreve D. Isa.

Ele ficou incomunicável por 20 dias ou um mês, nós só nos falávamos por bilhetinhos e eles liam as cartinhas. Fui falar com o Capitão Douglas da 5ª Companhia, disse que o Jinkings tinha problema no intestino e não podia comer qualquer comida, inicialmente ele não concordou, mas depois acabou se sensibilizando e eu comecei a ir visitá-lo diariamente para levar a refeição dele. Como eu tinha uma garrafa térmica que desmontava a tampa e dentro dava para colocar bilhetinho, pra ele saber disso, eu falei com um soldado vizinho nosso, o Luís, que avisou pra ele e nós passamos a ter uma comunicação privada por bilhete, sem ser aquela que passava por revista. E até hoje guardo esses bilhetinhos que trocávamos secretamente. (Isa Jinkings em entrevista realizada pela autora).

Ao sair da prisão, Jinkings precisava trabalhar para sustentar a esposa e seus cinco filhos. Seu companheiro de militância, Sandoval Barbosa, ajudou-o a montar uma barraca na feira livre da Batista Campos, e Isa começou a fazer docinhos para os meninos, Antônio e Álvaro, com sete e seis anos, respectivamente, venderem na feira, cada um com seu tabuleiro.

Com base no Ato Institucional nº 1, aprovado pela Ditadura em 1967, que consistia em cassar os direitos políticos dos opositores do regime político por um período de 10 anos, Jinkings teve seus direitos políticos cassados em 1979. Voltou, então, ao Banco da Amazônia, onde trabalhou por 2 anos e depois se aposentou. Em virtude de uma enfermidade, faleceu no dia 05 de outubro de 1995.

Em 13 de dezembro de 2011, concedeu-se uma homenagem intitulada de “Cidadão do Pará Post Mortem” a Raimundo Jinkings. O filho, Álvaro Jinkings, recebeu a homenagem das mãos do deputado Edmilson Rodrigues, autor da honraria, e do deputado Manoel Pioneiro, presidente da Câmara Municipal de

Belém. Esta informação encontra-se no Blog Raimundo Jinkings, que é administrado por sua filha Leila Jinkings.

9.1 Ideologia Marxista

O Comunismo é uma filosofia política baseada nas teorias da obra “República”, do filósofo Platão, que visa à implantação de um sistema com igualdade social sem acúmulo de riquezas, no qual os homens não seriam corrompidos pelo dinheiro e pelo poder, constituindo-se na chamada política de esquerda. (COURTOIS, 1999).

Em 1848, após uma reunião com comunistas de diversas nações, Karl Marx e Friedrich Engels publicam o Manifesto Comunista, contendo as principais ideias comunistas nos seguintes idiomas: inglês, francês, alemão, italiano, flamengo e dinamarquês (MARX; ENGELS, 1998).

Jinkings militou na política de esquerda, sendo integrante da seção paraense do Partido Socialista Brasileiro (PSB), projetando-se como componente da Juventude Socialista e, posteriormente, foi responsável pelo departamento sindical do PSB. Com Cléo Bernardo Macambira Braga, Jinkings funda o PSB em 1950, sendo Cléo o presidente e Jinkings o secretário executivo. João Mangabeira era o presidente nacional do PSB.

Raimundo Jinkings começou a escrever semanalmente para o Jornal "Folha do Norte", o "Flash" e o "Estado do Pará", iniciando sua carreira de jornalista. Foi colaborador nos jornais "A Província do Pará", "O Liberal" e "Diário do Pará". Também escreveu para o jornal "Resistência", que era contrário à Ditadura Militar e em um jornal de circulação clandestina, a "Voz na Unidade".

No BASA, tornou-se líder sindical dos bancários, liderando campanhas contra o Capitalismo exacerbado e a favor dos trabalhadores. Em 1953, foi transferido para São Luís, no Maranhão, local em que iniciou os contatos com representantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Figura 3: Raimundo Jinkings discursando em frente ao BASA.



Fonte: Blog Raimundo Jinkings, 2015.

Em 1954, foi preso por fazer propaganda da famosa “Marcha da Fome”, organizada pelo PSB e proibida pelo governo Assunção e pelo Brigadeiro Cabral, da 1ª Zona Aérea. Processado pelo delegado da Ordem Política Social, foi considerado o primeiro jornalista paraense suspeito de cometer o crime de imprensa. O julgamento ocorreu através do júri popular e Jinkings foi absolvido.

Participou da Campanha da Reforma Agrária, ajudando a fundar os primeiros sindicatos rurais, e coordenou a Fundação da Federação dos Agricultores do Estado. Participando da campanha pelas reformas de base, realizou com outros companheiros, em Belém, a “Conferência da Amazônia”, que aprovou a Carta da Amazônia, em que solicitavam a execução de um plano de industrialização para a Amazônia.

Em 1961, aceita o convite para ser presidente da Assembleia Permanente do Sindicato do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT).

Em 1962, acontece um novo marco na sua vida, sente-se inteiramente conquistado pela linha política do PCB, que coloca a via democrática e a aliança das forças anti-imperialistas e antifeudais como centro de sua estratégia revolucionária. Jinkings vira então comunista “de partido”, pelo resto da vida (OLIVEIRA, 2012, p. 245).

Para comemorar o Dia do Trabalhador em 1962, foi armado um palanque em frente ao cinema “Olímpia”. Estavam presentes autoridades militares e o arcebispo Dom Alberto Gaudêncio Ramos. Raimundo Jinkings, presidente do Pacto Operário Estudantil e Camponês, foi o primeiro a discursar e, ao concluir o discurso, as autoridades militares começaram a descer do palanque ficando apenas o prefeito de Belém, o Sr. Luiz Geolás de Moura Carvalho. Abaixo, é reproduzido um trecho do discurso de Jinkings:

Os episódios da Argentina e Portugal não se repetirão no Brasil, devido o consenso democrático de nossas autoridades militares. Naqueles países, os trabalhadores são cerceados em seus direitos, dentro de seus próprios Sindicatos. Nêsse instante, D. Alberto Gaudêncio Ramos, que também estava no palanque, acrescentou: “E na Rússia também”. Ao que o orador respondeu, sem saber quem havia falado: - Não aceitamos provocações. Aqui estamos para expressar nosso pensamento. A festa é dos trabalhadores (1º DE MAIO, 1962, p. 01).

Candidatou-se para o cargo de vereador em 1962, pela coligação Partido Socialista Brasileiro – Partido Trabalhista Nacional (PSB-PTN), e teve sua candidatura impugnada pelo Partido Integralista. Ficou como 1º suplente, porém seu registro foi cassado pelo Tribunal Eleitoral do Estado.

Cumprindo orientação nacional do partido, Jinkings e seus companheiros filiaram-se ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e destacaram-se na resistência à Ditadura. Foi um dos líderes da Campanha dos Direitos no Pará, integrando o comitê suprapartidário.

Com a eleição direta para presidente do Brasil, Tancredo Neves candidatou-se com seu vice José Sarney pelo PMDB. A vitória de Tancredo Neves nas urnas, no dia 15 de janeiro de 1985, simbolizou o fim da Ditadura Militar e, posteriormente, a legalidade do PCB foi efetivada. Jinkings, sendo um dos signatários do manifesto de fundação do partido, imediatamente desligou-se do PMDB e assumiu a identidade do “Partidão”, passando a dirigi-lo no Pará.

Por meio de sua linha de conduta equilibrada, combativa e coerente, Jinkings sempre atuou politicamente durante todo o período da clandestinidade. Jamais negou sua condição de marxista-leninista em qualquer de seus depoimentos, mesmo durante a mais dura repressão.

9.2 Livraria Jinkings

Após ser aposentado involuntariamente pelo BASA, Jinkings começou a vender alimentos em uma barraca na feira Batista Campos com sua esposa Isa.

Para sustentar a família, montou uma barraca na feira de Batista Campos, onde vendia gêneros alimentícios ajudado pela mulher. A seguir, decidiu oferecer livros didáticos em colégios e até de porta em porta, descobrindo a sua habilidade para essa profissão (OLIVEIRA, 2012, p. 246).

Jinkings comprava os livros por reembolso postal, pois nos ditos anos de chumbo os estabelecimentos literários de Belém daquela época, não vendiam as obras de esquerda, literatura preferida de Raimundo Jinkings. As editoras do Rio de Janeiro e de São Paulo já conheciam este cliente fiel e, por isso, lhe concediam crédito para comprar, via reembolso postal, e revender em Belém os livros didáticos. Assim, Jinkings começou a atuar como representante comercial da Editora Brasiliense, conforme D. Isa narra a seguir:

Enquanto estávamos na feira, que era horrível, cada noite um tinha que ir dormir na barraca, e ele pensou em escrever para as editoras e teve essa ideia maravilhosa de oferecer representação em Belém. Porque Belém era essa carência de livros e, de repente, a primeira editora que nos respondeu foi a Brasiliense, do Caio Prado, tenho um carinho muito grande por essa editora. As Editoras Ática e Spicione, que eram potência em livros didáticos, começaram a atuar juntas com o Jinkings. Os livrinhos que eles mandaram pra nós ainda eram mimeografados, eram só 4 títulos. E começaram a vir mais e mais editoras, e nossa casa virou uma coisa, livro na sala, na cozinha, em toda parte, aos montes, na nossa biblioteca. (Isa Jinkings em entrevista realizada pela autora).

No dia 22 de outubro de 1965, nasceu a “R. A. Jinkings Comércio e Representações”. Na sala de visitas de sua residência, na Rua dos Mundurucus, nº 1567, Jinkings recebia seus primeiros clientes: professores, jornalistas e companheiros de luta. A organização dos livros é descrita abaixo por Álvaro Jinkings em entrevista à autora.

Na verdade, era uma desorganização só, porque como era em casa não tinha uma estrutura de livraria, então os livros iam chegando e ficavam amontoados na sala, um pouquinho em cada lugar, um

assunto no chão, em cima da mesa, em cima de cadeira. E os primeiros clientes eram os companheiros dele de partido, de luta e a notícia foi se espalhando rápido para professores da universidade, jornalistas. Além de ele oferecer os livros, as pessoas ofereciam solidariedade a ele, porque ele foi demitido do BASA quando teve que se entregar e ficou ganhando menos que um salário mínimo.

Como o negócio foi expandindo, e a sala de visitas se tornou pequena para abrigar tamanha quantidade de livros, Jinkings, então, comprou um imóvel na Rua dos Tamoios, que ficava nos fundos da sua casa. O jornalista Jaime Bevilaqua escreveu uma matéria com o título: “Fantástico. Fechou boate, abriu livraria”, no jornal A Província do Pará. Bevilaqua considerou um fenômeno o fechamento da boate Batuk e a utilização do edifício para funcionar uma livraria. Pela primeira vez aconteceu esse fato em Belém, pois sempre ocorria o contrário, as livrarias eram fechadas e no imóvel abriam-se lanchonetes, armarinhos, supermercados, bancos e estacionamentos. “Então, mais hurras para o insólito Jinkings pela sua iniciativa de absurdo nacional, dificilmente outra livraria nascerá amanhã no Brasil, é provável, todavia, que algumas estejam morrendo. Aliás, o Jinkings exagerou no absurdo” (BEVILAQUA, 1979, p. 10).

A Livraria Jinkings localizava-se na Rua dos Tamoios, nº 1592, entre as ruas Padre Eutíquio e Apinagés. A moderna livraria sofreu um violento ataque do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), que destruiu sua fachada e quase deixa vítimas. O carro do Álvaro Jinkings foi incendiado na porta de sua residência. Tal fato deu-se na primeira semana de funcionamento da livraria.

A intelectualidade de Belém correu a frequentar a “Jinkings” e a consumir o seu variado estoque de livros. Virou, inclusive, alvo da vigilância permanente do Serviço Nacional de Informações (SNI) em ação desde 13/6/1964. Várias vezes teve obras apreendidas pela Polícia Federal, sempre consideradas “subversivas” pelos censores da ditadura (OLIVEIRA, 2012, p. 247).

A visita da polícia era frequente ao estabelecimento comercial dos Jinkings para procurar obras consideradas subversivas, principalmente as que tinham a capa vermelha. Os policiais levaram os seguintes livros: *Vermelho e o Negro*, do Stendhal; *Reunião*, do Carlos Drummond de Andrade, pois tudo referente à reunião naquela época era proibido. Confiscaram até livros sobre cubismo, por acharem que estava relacionado a Cuba. Para evitar que os livros de cunho socialista fossem

apreendidos, Jinkings construiu um balcão com fundo falso para armazenar os “livros proibidos” e oferecê-los apenas aos clientes de sua confiança (JINKINGS, 2013). Quando a livraria ficou conhecida pelo público em geral, havia caso de roubo de livros.

Uma vez, um estudante entrou, e eu o vi guardando um livro dentro da pasta, ele estava na estante de livros de esquerda, livros de filosofia e política. Eu cheguei: - Papai, o cara! Papai olhou, ele conhecia aquele estudante, e disse: - Não, deixa que eu falo com ele aqui. Então, o estudante passou, falou com o papai e despediu-se: - Tchau Jinkings. Eu fiquei olhando, ele não falou nada. E eu disse: - Poxa papai, porque tu não falastes? Eu vi ele roubando! Papai disse: - Não, deixa. Tipo assim, esse livro pode “Eu dei pra ele”, foi o que me disse. Na verdade, papai não deu, ele deixou sem o cara saber. Anos depois, encontrei professores e um secretário de educação que me contou histórias parecidas. Agora, quando não era livro de esquerda, ele mandava o segurança ir em cima (Álvaro Jinkings, em entrevista à autora).

Figura 4: Fachada da Livraria Jinkings.



Fonte: Blog Raimundo Jinkings, 2015.

Os serviços oferecidos pela livraria serviam para atrair a população, incentivando-a a investir em conhecimento através da aquisição de diversas publicações. Na parte superior da livraria, havia o espaço cultural destinado para debates, sessão de autógrafos e lançamento de livros. As novidades surgidas a cada década, contribuíram para aumentar a clientela da livraria, como por exemplo um cesto disponibilizado permanentemente com obras variadas vendidas com descontos de 50%. Para comemorar os 25 anos da livraria, a novidade do momento foi a venda de livros a quilo, conforme foi divulgado no dia 10 de maio de 1990, no jornal Diário do Pará.

A Livraria Jinkings está comemorando esta semana 25 anos de existência e para marcar o evento, teve início ontem, e por tempo indeterminado, uma promoção de vendas por quilo de livros de vários gêneros, cujo preço varia de 500 a 1.500 cruzeiros, e, ainda, quem comprar acima de 3 quilos tem um desconto de 10 por cento; acima de 6 quilos, desconto de 15 por cento; e superior a 10 quilos, desconto de 20 por cento (LIVRARIA, 1990, p. 09).

A ação “Livro na praça quase de graça”, desenvolvida anualmente sempre às vésperas do Natal, na Praça da República, com títulos a preço de custo, era a oportunidade de muitas pessoas adquirirem seu primeiro livro. Em entrevista à autora, D. Isa descreve:

Era emocionante vender livros baratíssimos ao vendedor de pirulito, ao guardador de carros, ao gari, sabendo que iriam dar livros de presente aos seus filhos, suas esposas. Como ficavam felizes e nos elogiavam. Por mais de uma vez, pessoas bem humildes referiram ser a primeira vez que compravam um livro (no caso, mais de um livro...). Era só emoção, o tempo todo.

Jinkings aguçava o hábito da leitura na população e fazia a divulgação da sua livraria por meio dessas ações. As formas de pagamento poderiam ser à vista ou através de prestações em que as parcelas eram definidas pelo cliente, o nome e os valores eram devidamente anotados em um velho caderninho. O jornalista João Carlos Pereira esclarece a forma com que Jinkings anotava os pagamentos e as compras no caderninho.

Ele (Jinkings) anotava o valor da venda – a lápis – e pagávamos como (e quando) podíamos. Juros não havia. [...]. Digamos que a conta fosse trezentos reais. Se desse para pagar cem, ele anotava os cem e abatia. Se, no mês seguinte, só pudesse pagar cinquenta, ele recebia, agradecia e, ainda que nada fosse pago, liberava o crédito. Eu me valia disso e comprava feito um louco (PEREIRA, 2010, p. 01).

Em 1992, surge a Livrariazinha Jinkings, com acervo de cerca de 15 mil títulos destinados para o público infantojuvenil. Os serviços oferecidos eram: nas sextas-feiras, Sessão de Estorinhas contadas pela Ivaneide Pereira; e a Oficina de RPG (Role-Playing Game), que é um jogo de interpretação de ideias, com regras pré-determinadas, no qual os jogadores podem improvisar livremente. O RPG é

usado para aguçar a cooperação mútua e o raciocínio lógico dos jogadores (COSTA, 1995).

Em função dessas atividades, foi criado o Clube do Menino Maluquinho, e as manhãs de sábados foram prestigiadas inclusive pelos pais, que participavam de debates sobre AIDS, racismo, relações familiares, entre outros temas. Após um ano atendendo ao público infantojuvenil, foram implementadas iniciativas, como: a Oficina Cênica I, de interpretação e encenação; a Oficina: Como se Faz um Livro; e a Oficina de Origami. Em 1995, realizou-se a Oficina da Escrita, para trabalhar a interpretação de textos e a leitura. Todas essas oficinas foram realizadas com o objetivo de formar novos leitores (COSTA, 1995).

Existiam filiais da Livraria Jinkings no Shopping Iguatemi, no Colégio Moderno, nos municípios de Santarém, Castanhal e até no estado do Amapá. A qualidade da Livraria Jinkings é reconhecida e enaltecida por Elizabete Vidal e Germana Sales no comentário abaixo:

O livreiro Jinkings ofereceu a Belém, dos anos de resistência, “a melhor literatura de que poderíamos dispor”, e que era devorada pelos leitores pelos mais diversos objetivos e, um deles, como esforço na reivindicação dos seus direitos, valores e cidadania, o que nos faz reafirmar o livro como um dos instrumentos mais grandiosos da vida humana (VIDAL; SALES, 2009, p. 67).

Em 1994, Raimundo Jinkings foi eleito, por seus congêneres de todo Brasil, como o Livreiro do Ano, sendo ainda homenageado, em São Paulo, pela Associação Nacional de Livrarias. Cláudio Leal escreveu uma reportagem sobre essa merecida homenagem.

Com o prêmio que lhe foi outorgado pela Associação Nacional do Livro, Raimundo Jinkings crê que o reconhecimento faz alguma diferença. Simples, não acredita em grandes mudanças, mas crê que isso lhe dá condições de vivenciar melhor essas experiências fantásticas. Uma das quais, talvez a melhor, é, ao fim de um dia de trabalho, andar na livraria, ver as pessoas comprando e ir conversando com um, com outro, discutindo problemas nacionais, analisando soluções, rindo de piadas. E fica a persistência que enfrentou a ditadura, as crises com coragem e muita força de vontade (LEAL, 1994, p. 04).

Figura 5: Raimundo Jinkings, o Livreiro do Ano.



Fonte: Blog Raimundo Jinkings, 2015.

Nos últimos tempos, em função de vários estabelecimentos venderem livros, tais como: shoppings, supermercados e até mesmo farmácias, bem como devido à comodidade de se comprar estes artigos pela internet, houve uma drástica redução da clientela da Livraria Jinkings. Por isso, em 2010, a família decidiu fechar o estabelecimento comercial, após incentivar o hábito da leitura entre a população paraense por mais de quatro décadas.

A Livraria Jinkings foi extinta, porém deixou frutos, como a Editora Boitempo, situada na Rua Pereira Leite, nº 373, Sumarezinho, São Paulo. Fundada por Ivana Jinkings em 1995, produz livros nas temáticas: Indústria Cultural, Ditadura Militar, Neoliberalismo, Trabalho, Capitalismo, Comunismo, Marxismo, Questões de Gênero, Filosofia, Educação, Ética e Meio Ambiente. Nos primeiros quatro anos de atuação, a Editora Boitempo ganhou três Prêmios Jabuti.

Outro empreendimento resultante é a Editora Amazônia, de Álvaro Jinkings, localizada na Rua Antônio Barreto, nº 1235, Umarizal, Belém, com foco na Amazônia e no Pará, retratando a diversidade amazônica. Fundada em 1999, a Editora Amazônia conta com um amplo acervo literário de cunho didático, das séries iniciais até o ensino médio, tendo como base pesquisas científicas desenvolvidas pelos professores da Universidade Federal do Pará, Universidade do Estado do Pará e da Universidade da Amazônia.

Durante a pesquisa, descobriu-se ainda outro fruto derivado da Livraria Jinkings: a Editora Samauma, que está instalada no mesmo endereço da Editora Amazônia e também pertence a Álvaro Jinkings. A Editora Samauma resgata e preserva a identidade do homem amazônico. Foi fundada em 2013, e conta com um

acervo de livros paradidáticos, técnicos, de contos, narrativas, dentre outros, com a temática voltada para a diversidade da região amazônica. Os livros paradidáticos incorporam uma política editorial que pretende levar às escolas conteúdos sobre importantes aspectos da Amazônia.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs relatar, sucintamente, a biografia do livreiro Raimundo Jinkings e como ocorria a disseminação da informação na Livraria Jinkings durante a Ditadura Militar em Belém. Ao estudar a biografia de Raimundo Jinkings, percebe-se que ele realizava a divulgação das informações sobre as ideias marxistas através da venda de livros.

A censura transformava-se em excelente publicidade para as obras subversivas, por isso, havia um cuidado especial com as obras consideradas proibidas. Na Livraria Jinkings, os livros proibidos eram escondidos no fundo falso do balcão da livraria, representando uma estratégia de divulgar o conhecimento mesmo com o controle rigorosamente imposto pelo governo militar.

A primeira atividade de promoção da leitura desenvolvida pelo livreiro Jinkings foi dirigida aos seus cinco filhos, todas as noites, quando Nise, Leila, Antônio, Álvaro e Ivana escolhiam um livro para ler com o pai, antes de dormir. E, assim, os herdeiros de Raimundo Jinkings cresceram rodeados de livros. Apesar de Ivana ter formação como bióloga e Álvaro ser advogado, o contato diário com os livros foi imprescindível para que ambos continuassem profissionalmente no mercado livreiro, só que agora como donos de editoras.

Em virtude disso, foi possível observar que os serviços oferecidos pela Livraria Jinkings tinham o intuito de incentivar a leitura e promover discussões entre a intelectualidade de Belém e os demais cidadãos. Podemos afirmar que Jinkings não visava somente o lucro com a venda de livros, mas sua recompensa era cultivar em cada cliente o prazer pela leitura, proporcionar mais conhecimento e cultura para a sociedade belenense e divulgar sua ideologia política.

A promoção da leitura era realizada através das atividades desenvolvidas na livraria, como por exemplo: os descontos de até 50%, a ação “Livro na praça quase de graça”, as oficinas, os debates e as contações de histórias. Estas atividades estimulavam a leitura em pessoas de todas as idades. Por meio da profissão de livreiro, Jinkings não vendeu apenas livros, ele semeou a leitura como uma forma de desenvolvimento social em uma época em que vigorava um regime extremamente repressivo e autoritário.

Espera-se com este estudo contribuir com o registro do legado cultural deixado por Raimundo Jinkings através das atividades desenvolvidas dentro e fora

do seu estabelecimento comercial, e também fazer o resgate histórico das principais livrarias paraenses situadas em Belém. Em suma, mediante a análise de sua trajetória, pôde-se constatar que Jinkings foi um verdadeiro entusiasta e fomentador do conhecimento social, prezando sempre pelo livre pensar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. 2. ed. Campinas: FAPESP; Mercado de Letras, 2012.

AÇÃO de despejo ameaça fechar Livraria Econômica. **O Diário do Pará**, Belém, 09 set. 1994. Caderno A, p. 11.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. **Disseminação da Informação: entre a teoria e a prática**. Marília: [s.n.], 2003.

BELÉM da Saudade: A Memória de Belém do Início do Século em Cartões-Postais. 2. ed. rev. aum. Belém: Secult, 1998.

BEVILAQUA, Jaime. Fantástico. Fechou boate, abriu livraria. **A Província do Pará**, Belém, 30 set. 1979. Caderno A, p. 10.

BLOG Raimundo Jinkings. Belém: Leila Jinkings. Disponível em: <<http://raimundojinkings.blogspot.com.br>>. Acesso em: 07 abr. 2015.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília : Linha Gráfica, 1998. v. 1

BRASIL, Jocelyn. **Entre as letras e as baionetas**. Rio de Janeiro: Jotanesi Edições, 1995.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do Livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. (Série Revisão, 40).

CARVALHO, Kátia de. Disseminação da informação e biblioteca: passado, presente e futuro. In: CARVALHO, Kátia de; SCHWARZELMULLER, Anna Friedericka. **O Ideal de disseminar: novas perspectivas, outras percepções**. Salvador: EDUFBA, 2006.

CHARTIER, Roger. **Os Desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____.; LEBRUN, Jean. **A Aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado (SP), 1998. (Coleção Prismas).

CINQUENTA anos entre livros. **O Liberal**. Belém, 11 set. 1988. Caderno 2, p. 01.

COSTA, Pádua. Formação de novos leitores. **O Diário do Pará**, Belém, 11 jun. 1995. Caderno A, página 10.

COURTOIS, Stéphane et al. **O Livro negro do Comunismo: crimes, terror e repressão**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FEBVRE, Lucien Paul Victor; MARTIN, Henri - Jean. **O aparecimento do livro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos (Coord.). **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed., rev. e atual. Curitiba: Positivo, 2004.

FICO, Carlos. **Como eles agiam - Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOBSBAWM, E. J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2013.

JEAN, Georges. **A Escrita: memória dos homens**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

JINKINGS, Isa. **Seminário “Raimundo, relato de vida”**. Belém: XVII Feira Pan-amazônica do Livro, 04 maio 2013.

KATZENSTEIN, Úrsula Ephraim. **A origem do livro: da Idade da Pedra ao advento da invenção tipográfica no Ocidente**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

LEAL, Cláudio de La Rocque. Raimundo Jinkings: arrojo e ideologia. **O Liberal**, 02 mar. 1994. Caderno 03, p. 04.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LITTON, Gaston. **O livro e sua história**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975.

LIVRARIA Jinkings adere à venda de livro a quilo. **O Diário do Pará**. Belém, 10 maio 1990. Caderno A, p. 09.

MACHADO, Ubiratan. **Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1985.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. Com um capítulo referente à propriedade literária. 3. ed. il. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2002. (Série Temas, 49).

MATTOS, Sérgio. **Mídia Controlada**: A história da censura no Brasil e no mundo. São Paulo: Paulus, 2005. (Comunicação).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

MEIRA, Clóvis. As livrarias de antigamente. **O Liberal**, Belém, 27 maio. 1992. Caderno Temas, p. 08.

MCMURTRIE, Douglas C. **O livro**: impressão e fabrico. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

MELLO, José Barboza. **Síntese histórica do livro**. Rio de Janeiro: Leitura, 1972.

MILANESI, Luís. **O Que é biblioteca?** São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

MORAES, Rubens Borba. **Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial**. 2. ed. Brasília – DF: Briquet de Lemos, 2006.

OLIVEIRA, Alfredo. **Cabanos & Camaradas**. Belém: [s.n.], 2010.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A Fascinante História do Livro II**: Grécia e Roma. Rio de Janeiro: Kosmos, 1985.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

PAIXÃO, Fernando; MIRA, Maria Celeste (Coord.) **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

PEREIRA, João Carlos. Um amigo dos livros e um livro perdido. **O Liberal**, Belém, 22 fev. 2010. Caderno Magazine, p. 1.

PETIT, Pere; CUÉLLAR, Jaime. O golpe de 1964 e a instauração da ditadura civil-militar no Pará: apoios e resistência. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 169-189, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2749/2837>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

PINHEIRO, Carlos. **Dicionário do ebook**. Sintra: Ler Ebooks, 2011.

_____. **Ebooks e bibliotecas**. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares, 2014.

1º DE MAIO: líder impedido de discursar. **Jornal do Dia**, Belém. 02 maio 1962. Caderno A, p. 01.

REGO, Clóvis Moraes. **Subsídios para a história do Colégio Estadual “Paes de Carvalho”**. Belém: EDUFPA, 2002.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerdas e sociedades**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

VIDAL, Elizabete de Lemos; SALES, Germana Maria Araújo. Entre livros e leitores: o livreiro de Belém. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marlí Tereza. (Orgs.). **Linguagem e Identidade Cultural**. João Pessoa: Idéia, 2009.

SANTOS, Gildenir Carolino; RIBEIRO, Célia Maria. **Acrônimos, siglas e termos técnicos**: arquivística, biblioteconomia, documentação, informática. Campinas: Átomo, 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA DE ISA JINKINGS

- 1- Como a senhora conheceu Raimundo Jinkings?
- 2- Como Jinkings tornou-se integrante do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e, posteriormente, do Partido Comunista Brasileiro (PCB)?
- 3- Em quais livrarias de Belém Jinkings comprava os livros de cunho socialista?
- 4- Quando Jinkings decidiu que era o momento de entrar na clandestinidade?
- 5- Relate os locais em que Jinkings ficou escondido quando estava na clandestinidade?
- 6- Como foi feita a rendição do Raimundo Jinkings?
- 7- Como era a comunicação entre vocês quando Jinkings estava preso?
- 8- Relate como a senhora administrava as despesas da casa no período em que Jinkings ficou preso.
- 9- Como surgiu a ideia de revender livros?
- 10- Quem eram os clientes nesse primeiro momento da livraria?
- 11- Com o crescimento da venda de livros em casa, como ocorreu a escolha de um local próprio para a livraria?
- 12- Qual a postura da polícia diante deste novo ofício do Jinkings?
- 13- Como eram vendidas as obras consideradas subversivas?
- 14- Quando havia as batidas dos policiais, quais obras eram apreendidas?
- 15- Qual o diferencial da Livraria Jinkings durante os anos de resistência?
- 16- De que maneira Jinkings utilizava a livraria para disseminar o Socialismo aos paraenses?
- 17- Dos 45 anos de existência da Livraria Jinkings, quais momentos a senhora considera mais importantes?

ENTREVISTA COM ISA JINKINGS

1- Como a senhora conheceu Raimundo Jinkings?

Foi de uma maneira muito mágica. Eu tinha 14 anos e era uma menina super romântica. Fui com minha irmã mais velha e as amigas dela passear no Arraial de Nazaré. Naquela época, o costume era o seguinte: os rapazes ficavam todos na calçada e as moças ficavam passando. A gente tinha sempre um vestido novo para cada domingo, eram 3 vestidos para cada domingo. Num desses momentos que eu passei e de longe vi o rosto dele, ele me olhando. Ele tinha um olhar muito profundo, penetrante, já mexeu comigo aquele olhar. Na segunda volta minha irmã falou: - Já está na hora, vamos pra casa. E ficamos só nisso. Isso foi em outubro de 1948, quando foi dia 1º de janeiro de 1949, iria ter uma festa no Clube dos Aliados, que era um clube na Praça da República muito bem frequentado, minhas irmãs frequentavam as festas porque tinham idade. Teria uma festa das seis a meia-noite, não sei por que pedi para minha mãe para ir nesta festa. E minha mãe respondeu: - Não, não. Você é muito nova, só quando tiver 18 anos você irá frequentar festa à noite, não fica bem. Eu comecei a insistir, insistir, passei a semana chorando, pedindo para uma das minhas irmãs. Uma achava que eu não deveria ir a outra dava força: - Deixa ela ir mamãe. Entretanto, depois minha mãe consentiu e eu fui à festa, e nesta festa, quando estava dançando, eu o vi. Quando ele me viu, ele veio me tirar para dançar e quando ele ia chegando perto para me tirar pra dançar, eu já ia saindo porque não parava de ser tirada pra dançar. Ele se colocou do lado da nossa mesa e na próxima música ele se aproximou e me tirou pra dançar. E as primeiras palavras que ouvi dele foram: - Dança outra comigo?. Já para garantir, e com uma ou duas músicas a festa acabou. Mas, com toda minha timidez deu tempo de falar que no próximo sábado, dia 8 de janeiro, seria meu aniversário de 15 anos e minha festa de humanistas no Colégio Moderno e, por uma sorte imensa, a festa foi marcada exatamente no dia dos meus 15 anos. Foi feita uma surpresa pra mim a meia-noite, aquela coisa de festa de 15 anos. Neste dia, ele entrou de penetra com um amigo que também fez ele entrar no Clube dos Aliados, ele não podia entrar porque não era sócio, então durante essa semana ele fez tudo o que era possível. Ele morava lá no Marco, nesse tempo era como se fosse Ananindeua. Ele morava na Angustura e trabalhava no Hospital da Aeronáutica, e ele conseguiu entrar de sócio no clube para garantir a entrada da festa. E, nesta festa dos meus 15 anos começamos a namorar e foi assim até o resto da vida, nós não nos deixamos mais.

2- Como Jinkings tornou-se integrante do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e, posteriormente, do Partido Comunista Brasileiro (PCB)?

O Cleo Bernardo foi meu professor de história no Colégio Moderno e por amizade conheceu o Jinkings, eles fundaram o PSB. Cleo ficou como presidente do PSB e Jinkings como secretário executivo do partido ficou sendo a segunda pessoa do partido. O presidente nacional do PSB era o João Mangabeira, uma pessoa maravilhosa. O partido começou com umas campanhas muito boas: campanha contra a fome, a favor dos trabalhadores e reivindicações sindicais. No PCB foi bem mais tarde porque era ilegal, foi depois que ele começou a escrever os artigos para os jornais. Nos escrevíamos juntos os artigos dele para os jornais. Quando abriu o concurso do Banco da Borracha, hoje Banco da Amazônia (BASA) nos estudávamos juntos na Praça Batista Campos até a hora em que ele ia para o ginásio Pará-

Amazonas, no primeiro curso noturno que inaugurara em Belém. Havia advogados, professores, profissionais de diversas áreas inscritos e ele passou em 4º lugar. Em janeiro de 1951, ele começou a escrever artigos para os jornais de circulação local. Eu era muito romântica, gostava de ler mas, lia muito romances e comecei a acordar para a realidade através dele(Jinkings) quando comecei a ler sobre a luta dos trabalhadores através.

3- Em quais livrarias de Belém Jinkings comprava os livros de cunho socialista?

Belém era muito carente de livros. A melhor livraria era a Martins que havia livros sobre sociologia. Nós pedíamos muito pelo reembolso postal, por isso foi fácil ingressar nesse ramo, porque o nome dele estava muito conhecido nas editoras.

4- Quando Jinkings decidiu que era o momento de entrar na clandestinidade?

Na clandestinidade ele entrou em 1964. Quando arrebentou o golpe, ele era a pessoa mais visada como o cabeça da subversão no Pará, porque ele tinha uma atuação muito forte como sindicalista. Quando foi criado o CGT, ele foi eleito por unanimidade para ser presidente, ele fazia piquete na porta do Banco da Amazônia. No dia 31 de março de 1964, ele estava em assembleia geral no CGT, eles tiraram uma resolução e ele foi ao jornal levar a notícia para o Leal, que disse: - Jinkings, o movimento no Rio já está. Ele passou na empresa F. Aguiar e comprou um rádio pra eu poder acompanhar as notícias. Parou o carro na Apinagés, e nos morávamos na Mundurucus, e veio em casa me dar um beijo. Na véspera, tinha sido aniversário de 10 anos da nossa filha mais velha, a mais nova tinha 3 anos. E foi embora e passou a ser clandestino. No dia seguinte, a notícia era de meia em meia hora: "Continua foragido o agitador comunista Raimundo Jinkings, ex-presidente do famigerado CGT".

5- Relate os locais em que Jinkings ficou escondido quando estava na clandestinidade.

Ele ficou na casa da minha irmã, na Dom Romualdo de Seixas, quando ele saiu de lá, no dia seguinte, a polícia foi lá. Minha irmã disse que até máquina de lavar eles abriam, o fogão, o forno. Tinha sempre alguém que dedurava. E ele ficou assim na casa de parente, companheiro de partido, amigos. Eu, todo tempo, sabia onde ele estava e mandava roupa limpa, alimentos, jornais de uma forma muito sutil. A última casa que ele ficou é a que até hoje eu me emociono muito, foi do estivador que tinha 9 filhos em uma casa modesta. De dia, ele ficava debaixo da cama e de noite é que ele ficava sentado, mas ninguém falou nada, nem as crianças. Ele ficou lá até o dia em que teve que se apresentar, no dia 29 de abril de 1964.

6- Como foi feita a rendição do Raimundo Jinkings?

Eu recebi uma intimação do banco sobre pena de perda de emprego, conversamos com o advogado e ele aconselhou que o Jinkings se entregasse. Jinkings pensou na família. Fizemos uma articulação com um amigo nosso, o Costinha que tinha um irmão preso no Presídio São José, presídio de preso comum, não era de preso político. Costinha estava muito preocupado com esse irmão e fez uma negociação com o capitão Bahia, que era diretor do presídio, ele entregaria o Jinkings se ele

soltasse o seu irmão. Foi tudo combinado com o meu irmão, que foi buscar o Jinkings e entrou com o carro de ré na casa da minha irmã, levantou o capô, fingiu que estava mexendo e o Jinkings saiu e foi para casa da minha mãe, passou pelo portãozinho que havia no quintal, foi para nossa casa e passou a noite com a gente. No dia seguinte, ele foi no carro do meu irmão, no banco do carona, e o Capitão Bahia e o Costinha atrás, eles foram ao banco, o Jinkings assinou o ponto e o Capitão Bahia deu voz de prisão, tudo já combinadinho, tudo tranquilo.

7- Como era a comunicação entre vocês quando Jinkings estava preso?

Ele ficou incomunicável por 20 dias ou um mês, nós só nos falávamos por bilhetinhos e eles liam as cartinhas. Fui falar com o Capitão Douglas da 5ª Companhia, disse que o Jinkings tinha problema no intestino e não podia comer qualquer comida, inicialmente ele não concordou, mas depois acabou se sensibilizando e eu comecei a ir visitá-lo diariamente para levar a refeição dele. Como eu tinha uma garrafa térmica que desmontava a tampa e dentro dava para colocar bilhetinho, pra ele saber disso, eu falei com um soldado vizinho nosso, o Luís, que avisou pra ele e nós passamos a ter uma comunicação privada por bilhete, sem ser aquela que passava por revista. E até hoje guardo esses bilhetinhos que trocávamos secretamente.

8- Relate como a senhora administrava as despesas da casa no período em que Jinkings ficou preso.

Aposentado compulsoriamente não estava recebendo nada porque eu não trabalhava na época, nos 4 anos de casados nós tínhamos 4 filhos, quando a primeira filha estava com 1 ano e a segunda com 50 dias nós fomos para o Maranhão porque ele como jornalista escreveu um artigo contra o Gabriel Hermes, Presidente do BASA, porque soube da patifaria que ele estava fazendo. Ele estava usando o dinheiro para a campanha dele e o Jinkings foi punido com a transferência para o Acre, que era a pior agência que existia do BASA, quem ia pra lá conhecia todas as endemias. Jinkings começou a solicitar a transferência do Acre para São Luís e nesse meio tempo o Gabriel Hermes foi destituído do banco havendo mais facilidades para conseguir a transferência para o Maranhão. Nós não tínhamos conta em banco, nenhuma economia, nós administrávamos o salário e quando começaram a pagar a aposentadoria era uma mixaria. Ninguém era de esquerda na minha família e quando aconteceu o golpe eu pensei que minha família ia dizer assim: - Tá vendo o que o teu marido arranjou, tá vendo o que teu marido fez. Eu vou sair com as unhas de fora e vou dizer: - Eu não quero a ajuda de vocês. Mas foi o contrário, toda minha família me abraçou. Nós éramos 7 irmãos e todos foram solidários. Minha mãe morava do lado de casa, minha tia veio morar comigo para eu não ficar sozinha com as crianças. E eles fizeram o terror na casa dos outros, como Benedicto Monteiro, e nunca foram na minha casa, apesar dele ser procurado, a notícia no rádio era de meia em meia hora e a imprensa passava fotografando a casa, não sei o que eles respeitaram na minha casa que eles nunca foram lá. Eu sobrevivi assim, meu amigos ajudavam, colegas do Maranhão mandavam ajuda. As crianças não passavam necessidades. Na escola, eles estavam preparadíssimos, sabiam porque o pai estava preso e porque estava sendo procurado e não sofreram discriminação. Assim que eu enfrentei até sair a aposentadoria muito pequena, mas a gente administrava.

9- Como surgiu a ideia de revender livros?

Quando ele saiu da prisão a primeira coisa que fez foi montar uma barraca na praça Batista Campos para vender tudo, arroz, feijão, farinha. Eu comecei a fazer uns docinhos e meus filhinhos de 7 e 6 anos, o Álvaro e o Antônio saiam para vender. Enquanto estávamos na feira, que era horrível, cada noite um tinha que ir dormir na barraca, e ele pensou em escrever para as editoras e teve essa ideia maravilhosa de oferecer representação em Belém. Porque Belém era essa carência de livros e, de repente, a primeira editora que nos respondeu foi a Brasiliense, do Caio Padro, tenho um carinho muito grande por essa editora. As Editoras Áticas e Spicione que eram potência em livros didáticos, começaram a atuar juntas com o Jinkings. Os livrinhos que eles mandaram pra nós ainda eram mimeografados, eram só 4 títulos. E começaram a vir mais e mais editoras, e nossa casa virou uma coisa, livro na sala, na cozinha, em toda parte aos montes, na nossa biblioteca.

10- Quem eram os clientes nesse primeiro momento da livraria?

Como não tinha livros em Belém e toda intelectualidade de Belém ia à nossa casa, não tinha hora, a gente estava almoçando chegava um e tinha que sair da mesa. O outro ia até a cozinha porque queria um cafezinho e aos poucos fomos crescendo.

11- Com o crescimento da venda de livros em casa, como ocorreu a escolha de um local próprio para a livraria?

Ele comprou uma casa bem antiga na Tamoios que confinava com a nossa e a gente passou a vender lá no porão. Todas as pessoas achavam ótimo porque era bagunçado e podiam mexer a vontade e depois construímos o prédio da livraria. Até mesmo no país, era o primeiro prédio que se construiu exatamente para uma livraria, projetado para ser uma livraria.

12- Qual a postura da polícia diante deste novo ofício do Jinkings?

As perseguições ficaram constantes, porque ninguém vendia livros sobre marxismo e os jovens tinham muita sede de conhecer e começaram a saber que nós tínhamos tal livro. Nós tínhamos um balcão de fundo falso e quando desconfiávamos que iria chegar a vigilância nós escondíamos os livros naquele espaço. Quando a livraria ficou pronta, um mês depois que foi inaugurada metralharam a nossa livraria. As balas perfuraram as estantes e estragaram alguns livros. Isso acontecia de madrugada, porque era o Comando de Caça ao Comunista (CCC). Apedrejaram e metralharam nossa casa.

13- A ação "Livro na Praça quase de graça" acontecia com que frequência?

Anualmente, sempre próximo ao Natal. Era emocionante vender livros baratíssimos ao vendedor de pirulito, ao guardador de carros, ao gari, sabendo que iriam dar livros de presente aos seus filhos, suas esposas. Como ficavam felizes e nos elogiavam. Por mais de uma vez, pessoas bem humildes referiram ser a primeira vez que compravam um livro (no caso, mais de um livro...). Era só emoção, o tempo todo.

14- Como eram vendidas as obras consideradas subversivas?

Nós tínhamos um balcão de fundo falso e quando desconfiávamos que iria chegar a vigilância nós escondíamos os livros naquele espaço.

15- Quando havia as batidas dos policiais, quais obras eram apreendidas?

Eles levavam livros que tinham a capa vermelha, eram muito burros. Levaram Vermelho e o Negro do Stendhal. Reunião do Carlos Drummond de Andrade, que era de poema e reunião naquela época era proibido. Livros sobre cubismo, acharam que era alguma coisa sobre Cuba.

16- Qual o diferencial da Livraria Jinkings durante os anos de resistência?

O espaço. Era onde as pessoas se abasteciam e se alimentavam. Os jovens estavam sedentos e procurava livros sobre marxismo e socialismo.

17- De que maneira Jinkings utilizava a livraria para disseminar o Socialismo aos paraenses?

Através do salão em cima da livraria que eu chamava de espaço cultural. Colocamos um auditório, fazíamos lançamentos de livros e reuniões.

18- Dos 45 anos de existência da Livraria Jinkings, quais momentos a senhora considera mais importantes?

Considero o local, a livraria era onde as pessoas se encontravam. Queria encontrar os intelectuais de Belém, as pessoas mais marcantes: professores, doutores, reitor na universidade, era só vir aos sábados na livraria e o Jinkings estava lá.

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA DE ÁLVARO JINKINGS E LEILA JINKINGS

- 1- Quais suas lembranças de infância sobre o seu pai antes de tornar-se livreiro?
- 2- O que você lembra do período em que Jinkings era considerado foragido e do tempo que ficou preso?
- 3- Inicialmente a venda de livros começou na residência de vocês. Como esses livros eram organizados?
- 4- Quem eram os clientes nesse primeiro momento da livraria?
- 5- Como eram vendidas as obras consideradas subversivas?
- 6- Quando a livraria começou a funcionar na Rua dos Tamoios, sendo então conhecida do público em geral, havia caso de roubo de livros?
- 7- Neste segundo momento da livraria, quem eram os clientes?
- 8- Como eram divulgadas as novas aquisições da livraria?
- 9- Quais os serviços oferecidos pela livraria?
- 10- Como surgiu o Projeto Livrariuzinha Jinkings?
- 11- Qual a postura da polícia diante deste novo ofício do Jinkings?
- 12- Como era a comunicação de sua mãe, Isa, com o Jinkings quando estava preso?
- 13- Após 45 anos de existência da livraria, quais as razões que levaram ao fechamento do estabelecimento?
- 14- Fale um pouco sobre os frutos da Livraria Jinkings: A Editora Amazônia e a Editora Boitempo.

ENTREVISTA COM ÁLVARO JINKINGS

1- Quais suas lembranças de infância sobre o seu pai antes de tornar-se livreiro?

A gente sempre teve uma relação muito aberta, desde criança todos os meus amigos chamavam o pai de senhor e a gente já se tratava como tu. Ele incentivava todos os filhos a ler. Eu lembro que eu aparecia muito no escritório onde ficava a biblioteca dele e a gente ficava conversando quem era o Tolstoi, ele ficava me falando quem eram os autores, o que escreviam e lia os trechos pra mim. Passeios na praça, ele era do Banco da Amazônia (BASA) e a gente tinha uma condiçãozinha de domingo dar um passeio, ir para o clube, ir pra Tuna. Uma coisa muito interessante, muito cheia de conteúdo, os nossos diálogos eram sempre mais avançados. A questão da gente não acreditar em Deus também, isso provocava nos pais dos meus amigos uma intolerância, era uma coisa atrasada mesmo.

2- O que você lembra do período em que Jinkings era considerado foragido e o tempo que ficou preso?

Nessa época eu tinha 10, 11 anos, eu lembro antes até 9, 8 anos que tinha um conflito na minha cabeça que a gente era discriminado, porque o comunista naquela época era considerado um bandido, não tem essa liberdade que tem hoje de pensar, de cada um escolher o seu caminho. O governador do Maranhão hoje é do Partido Comunista. É, eu acho que essa época foi muito dura pra gente porque faltava tudo, o papai que sempre provia a casa e a mamãe era dona de casa e nessa questão a gente tinha uma reserva muito grande, porque a gente sabia que ele era patriota, que ele estava lutando pelo Brasil, pelos mais pobres, então isso era um consolo, um conforto, mais foi uma época difícil, mas nunca fiquei com trauma e nem nada, a gente sempre aprendia a guerrear contra a ditadura. Chegando lá, onde é hoje a Casa das 11 janelas, ele estava preso a uns 3, 4 meses mais ou menos. Chegando lá, na porta ele iria ser solto e a gente foi andando, eu, ele e a mamãe. Ele não deu 50 passos, parou um jipe do lado dele do mesmo quartel. Um policial falou: – Seu Raimundo Jinkings. Ele: Pois não. O policial disse: – O senhor está preso! Então, prenderam ele de novo e o levaram para outro quartel. A mamãe começou a chorar, falaram que iriam mata-lo. Ele foi lá para o 26º BC (atualmente 2º BIS, na Av. Almirante Barroso), não me lembro bem como se desenrolou, sei que depois a gente achou e o advogado já foi pra lá e encontraram logo ele. Mas era assim uma tensão horrível.

3- Inicialmente a venda de livros começou na residência de vocês. Como esses livros eram organizados?

Na verdade, era uma desorganização só, porque como era em casa não tinha uma estrutura de livraria, então os livros iam chegando e ficavam amontoados na sala, um pouquinho em cada lugar, um assunto no chão, em cima da mesa, em cima de cadeira.

4- Quem eram os clientes nesse primeiro momento da livraria?

E os primeiros clientes eram os companheiros dele de partido, de luta e foi se espalhando rápido para professores da universidade, jornalistas. Além de ele oferecer os livros, as pessoas ofereciam solidariedade a ele, porque ele foi demitido do BASA quando teve que se entregar e ficou ganhando menos que um salário mínimo. Então, no início ele foi ser feirante e quando ele montou esse negocinho a gente tinha uma situação muito difícil, os amigos deixavam de mandar buscar o livro fora pra comprar com ele aqui.

5- Como eram vendidas as obras consideradas subversivas?

Quando tinha a livraria a gente escondia embaixo do balcão, mas nessa época não dava nem para esconder nada e como era no começo não tinha muita repressão. A repressão mais foi quando se montou a livraria mesmo. Lembro que eles entravam a gente não tinha um lugar específico e escondia em um lugar ou em outro e dependendo do cliente a gente mostrava. Mas geralmente eles achavam muitos livros e prendiam muitas coisas que não tinha nada a ver com o socialismo, comunismo, era uma arbitrariedade mesmo pegava o que quisesse e a gente não podia fazer nada.

6- Quando a livraria começou a funcionar na Rua dos Tamoios, sendo então conhecida do público em geral, havia caso de roubo de livros?

Havia, tem até umas histórias interessantes que eu me lembro, jovens querendo comprar livros. Uma vez, um estudante entrou, e eu o vi guardando um livro dentro da pasta, ele estava na estante de livros de esquerda, livros de filosofia e política. Eu cheguei: - Papai, o cara! Papai olhou, ele conhecia aquele estudante, e disse: - Não, deixa que eu falo com ele aqui. Então, o estudante passou, falou com o papai e despediu-se: - Tchau Jinkings. Eu fiquei olhando, ele não falou nada. E eu disse: - Poxa papai, porque tu não falastes? Eu vi ele roubando! Papai disse: - Não, deixa. Tipo assim, esse livro pode "Eu dei pra ele", foi o que me disse. Na verdade, papai não deu, ele deixou sem o cara saber. Anos depois, encontrei professores e um secretário de educação que me contou histórias parecidas. Agora, quando não era livro de esquerda, ele mandava o segurança ir em cima.

7- Neste segundo momento da livraria, quem eram os clientes?

Neste segundo momento a gente já tinha clientes, inicialmente a gente só vendia livros de pessoas progressistas, de autores de esquerda e de livros que ele era representante, aí a gente começou a vender tudo. A gente tinha um público grande de amigos, clientes, pessoal de esquerda, professores, de pessoas que se incomodavam com a ditadura e as pessoas de bem queriam se ver livre disso, até a própria igreja que apoio sempre o golpe militar já estava querendo por fim aquele modelo autoritário de governo. Aí quando a gente começou a ampliar, vender livro de todo mundo aí a livraria deu uma crescida grande porque era um público reprimido que queria mais coisas, não queria só o que a gente queria e gostava, queriam gostar de outras coisas. Livros de autores americanos e internacionais de uma forma geral. E os livros que eram vendidos pela Editora Record o papai não gostava de vender, porque nessa época a Record era uma multinacional não era

brasileira ainda. Conversando, chegamos a conclusão que iríamos vender. Pra gente ser respeitado a gente tem que ganhar dinheiro, porque senão ficam ai prendendo a gente e vamos ganhar dinheiro para a gente ter advogado bom. E fomos crescendo, do nada a livraria chegou a ser homenageada como a melhor livraria do Brasil em 1988, inédito para uma livraria da Amazônia, de um estado pequeno. Na época que a gente cresceu e começou a ser respeitado foi muito bom, pra mim e pra ele também que foi perseguido, sacaneado a vida toda, sem gostar de dinheiro. Ele não gostava, nunca se apegou, nunca quis comprar bens, nunca quis comprar nada, os carros eram simples. O pessoal que vinha de fora aqui elogiava muito. Sou cliente da Livraria Fox e sempre que vou lá sinto no meu peito a áurea da Jinkings, encontro os clientes antigos, mas é diferente a livraria deles.

8- Como eram divulgadas as novas aquisições da livraria?

Na época a gente era representante de algumas editoras grandes: Ática, Spicione, Melhoramentos, então a gente tinha uma equipe de divulgadores que ia nas escolas para fazer esse trabalho com os professores, na universidade. A nossa divulgação era mais corpo a corpo muito menos de mídia, mas fizemos alguma coisa de mídia. A livraria na época cresceu muito e a gente não acompanhou fisicamente este crescimento. Não atendia mais bem nossos clientes porque era fila pra cá, fila pra lá.

9- Quais os serviços oferecidos pela livraria?

Tínhamos livros de todas as áreas, fazíamos debates políticos e tardes de autógrafos.

10- Como surgiu o Projeto Livrariuzinha Jinkings?

A Livrariuzinha surgiu a gente viajando em um congresso em São Paulo e trouxemos isso pra cá. A mamãe e a Leila desenvolveram mais, naquela época fazíamos contação de histórias para as crianças.

11- Qual a postura da polícia diante deste novo ofício do Jinkings?

Ele foi muito perseguido nessa época, porque foi uma época que eles se sentiram ameaçados. Eles eram burros e o papai apesar de não ter muito estudo era um cara inteligentíssimo, um autodidata, entendia de tudo. No final, eu me lembro que os amigos dele eram o Coronel Oliveira que prendeu ele, o peixe-agulha, o Otávio Mendonça que era de direita. Muitos tornaram amigos e passaram a respeitar ele como livreiro e esse era o medo da polícia: a influência dele.

12- Como era a comunicação de sua mãe, Isa, com o Jinkings quando estava preso?

Era mais através de cartinhas, mandava roupas e cada um de nós escrevia uma cartinha, ela escrevia as cartas pra ele e ele devolvia.

13- Após 45 anos de existência da livraria, quais as razões que levaram ao fechamento do estabelecimento?

Quando o papai morreu em 1995, a gente não estava preparado profissionalmente para continuar e como ele era a liderança incontestável da livraria, tudo que ele falasse a gente seguia, até porque ele era o dono mesmo. Quando ele morreu, não conseguimos nos unir e continuar o trabalho dele, era muito lenta nossa administração, tinha muitas divergências, tanto que em 1999 eu me afastei porque senti que realmente não tinha futuro, nossa administração era muito amadora.

14- Fale um pouco sobre os frutos da Livraria Jinkings: A Editora Amazônia e a Editora Boitempo.

A Ivana minha irmã mais nova nasceu praticamente na livraria, ela tinha 5 anos quando a livraria começou em casa. Eu tinha 10 anos, mas aquilo: sempre acostumado a ler, gostar de livros. Sou bacharel em direito, não exerço advocacia, mas tenho licença para advogar. Quando me formei, eu falei: Eu quero continuar trabalhando aqui na livraria. Gostava do trabalho, me identificava e continuei, não quis exercer outra profissão. E quando me afastei em 1999 uma das primeiras opções pra mim foi montar uma editora e hoje estamos com duas editoras a Amazônia e a Samauma. A Samauma é mais nova, tem 2 anos e temos publicado dando prioridade para o Pará e para a Amazônia que é uma lacuna no mercado que existe. A Boitempo, da Ivana, hoje é a melhor editora do Brasil em publicação de filosofia e política. Talvez a única que tenha ficado que ainda publica sobre marxismo, todo mundo dizendo que o marxismo acabou e hoje a Boitempo é uma editora respeitadíssima. Publicou uma Enciclopédia Latino Americana super elogiada por todo mundo, com um nível editorial excelente. Os frutos, é que tem que trabalhar muito para vencer. E o legado maior dele pra mim é esse.

ENTREVISTA COM LEILA JINKINGS

1- Quais suas lembranças de infância sobre o seu pai antes de tornar-se livreiro?

Meu pai era presente, carinhoso. Sempre trazia livros de suas viagens. Às vezes trazia roupas.

2- O que você lembra do período em que Jinkings era considerado foragido e do tempo que ficou preso?

Lembro de muitas coisas. Éramos cinco, todos menores de dez anos, em 1964. Na rua onde morávamos, tinha de tudo: comunistas, fascistas, contrabandistas e sabe-se lá mais o quê. Na esquina, os filhos de um juiz xingavam quando passávamos: “Ei, filhos de comunista!”. A princípio nem sabíamos de que nos xingavam, mas logo fomos a meus pais saber o que era comunista. Meus pais explicaram, mostraram reportagens com fotografias e entendemos que Comunistas lutavam ao lado do povo, era bom ser comunista. E ficamos muito orgulhosos de sermos filhos de comunista. Papai, sempre brincalhão, sugeriu que poderíamos responder a eles dizendo que eram filhos de fascista. Veio o golpe militar e papai “viajou”. Nossa rotina não mudou: escola pela manhã, trabalho escolar até 4 da tarde e, depois, rua e, claro, a guerra com os reacionários (essa palavra também aprendemos com papai e mamãe). Nas rádios e na televisão, no entanto, os repórteres davam a notícia, e alguns se referiam a ele como o “famigerado comunista Raimundo Jinkings”. Mamãe falou que ia telefonar para meu pai e que ele falaria conosco. Mais tarde, ela nos avisou que papai viria nos visitar, mas em segredo, pois os milicos queriam prendê-lo, porque lutava para que os pobres tivessem os mesmos direitos que nós. À noite, mamãe nos chamou para o quarto que ficava nos altos e dava para o quintal. Foi muito emocionante encontrar o papai, que nos aguardava. O quarto estava na penumbra, não se podia acender a luz. Talvez houvesse um abajur ou uma vela, pois podíamos enxergar muito bem o papai. E, mais importante, senti-lo. Ele nos abraçou muito, apresentou o camarada que o acompanhava e falou que estava tudo bem, mas que ele estava escondido para que os milicos não o pegassem, porque ele era amigo do Jango e dos comunistas. Ele estava vestindo um macacão de operário, tinha os cabelos crescidos e estava barbado. Carinhosamente, nos tirou as dúvidas e fez as recomendações que qualquer pai faz, do tipo “sejam obedientes”, “ajudem sua mãe”, além das que só um pai como ele faria: falou que não precisava explicar nada para ninguém e nem deveríamos contar que ele nos visitara, para que não pressionassem a mamãe. E que o importante era que estaria sempre em contato conosco por meio da mamãe. Jamais esqueci esse momento. Me senti companheira e amiga do meu pai. Muito orgulhosa dele, da sua coragem e da sua generosidade.

3- Inicialmente a venda de livros começou na residência de vocês. Como esses livros eram organizados?

Eles se espalhavam pela casa em pilhas.

4- Quem eram os clientes nesse primeiro momento da livraria?

Professores e intelectuais.

5- Como eram vendidas as obras consideradas subversivas?

Havia um balcão falso que resguardava obras consideradas subversivas.

6- Quando a livraria começou a funcionar na Rua dos Tamoios, sendo então conhecida do público em geral. Havia caso de roubo de livros?

Sabe-se de muitos estudantes e professores que surrupiavam livros, sob vistas grossas de meu pai.

7- Neste segundo momento da livraria quem eram os clientes?

Estudantes, intelectuais, professores, muita gente, todos que pensavam alguma coisa frequentavam a livraria.

8- Quais os serviços oferecidos pela livraria?

Fazíamos feiras e promoções constantes.

9- Como surgiu o Projeto Livrariuzinha Jinkings?

Com o fim da ditadura voltou-se a produzir uma gama variada de literatura infantil. Eu fiz um esboço de um canto para crianças e contação de histórias na casa da Apinagés onde depois funcionou o livros didáticos. Depois Álvaro foi a Bienal e voltou entusiasmado com o que viu em São Paulo nessa área. Foi aí que decidiu-se encomendar o projeto ao Paulo Chavez.

11- Qual a postura da polícia diante deste novo ofício do Jinkings?

Houve perseguição no início, ataques.

12- Como era a comunicação de sua mãe Isa com o Jinkings quando estava preso?

Havia uma troca de bilhetes.

13- Após 45 anos de existência da livraria, quais as razões que levaram ao fechamento do estabelecimento?

As grandes livrarias ao se instalarem nos shoppings enfraqueciam o abastecimento e a frequência.